

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

ANDRÉA DOS SANTOS LEITE

**AS LÍNGUAS INDÍGENAS DE SINAIS EM MATO GROSSO: RELATO DE UMA
PROFESSORA SURDA**

CÁCERES-MT

2022

ANDRÉA DOS SANTOS LEITE

**AS LÍNGUAS INDÍGENAS DE SINAIS EM MATO GROSSO: RELATO DE UMA
PROFESSORA SURDA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação do professor Dr. Wellington Pedrosa Quintino.

CÁCERES–MT

2022

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

L533a	<p>LEITE, Andréa dos Santos. As Línguas Indígenas de Sinais em Mato Grosso: Relato de uma Professora Surda / Andréa dos Santos Leite – Cáceres, 2022. 56 f.; 30 cm.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022. Orientador: Wellington Pedrosa Quintino</p> <p>1. Línguas de Sinais. 2. Indígenas. 3. Mato Grosso. I. Andréa dos Santos Leite. II. As Línguas Indígenas de Sinais em Mato Grosso: Relato de uma Professora Surda. CDU 81'221.24</p>
-------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Regional de Cáceres

ANDRÉA DOS SANTOS LEITE

**AS LÍNGUAS INDÍGENAS DE SINAIS EM MATO GROSSO: RELATO DE UMA
PROFESSORA SURDA**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino
Orientador – PPGL/UNEMAT

Prof.^a Dr.^a Mônica Cidele da Cruz.
Avaliadora Interna – PPGL/UNEMAT

Prof.^a Dr.^a Nilce Maria da Silva
Avaliadora Externa UNEMAT

APROVADA EM: 28/12/2021

DEDICATÓRIA

Dedico essa Dissertação ao Nosso Pai Criador.

A minha avó Sebastiana Jesuína (*in memoriam*), cujo empenho em me educar sempre veio em primeiro lugar.

As minhas Mães de criação Maria Oacy, Neuza Helena, Adelaide, Jonas Maria (*in memoriam*) por me ensinarem o verdadeiro sentido da vida e do amor.

Aos meus Tios João Miguel, Manoel e Ailton pelos olhares de carinho e abraços paternos.

Aos meus Pais Ângelo e Virgília pela perseverança.

A minha saudade diária Mainha, Maria Creuza (*in memoriam*), minha primeira Mestra e, que hoje isso é uma prova de que todo seu investimento e sua dedicação valeu a pena à minha educação.

AGRADECIMENTOS

*E Deus, meu Senhor, vai me dando tantos motivos para eu seguir...
Renovando assim minhas forças, aumentando a minha Fé e junto
guiando-me através das estrelas no céu... E até aqui o Senhor me
sustentou... É Deus! Por tudo lhe agradeço Senhor!*

Primeiramente agradeço a Deus, meu Senhor pela misericórdia, graça, força, fé! Agradeço por escrever uma nova história cheia de lutas, conquistas e desafios, mas sempre me mantendo em pé, quebrando barreiras até eu poder concluir esse trabalho de dissertação de Mestrado! Sem Ele, nada seria!

A felicidade não tem preço, não tem hora e nem lugar! A felicidade está em cada um de nós que compomos a nossa própria história. Um dos grandes desafios é priorizar e dar valor ao que realmente importa em nossas vidas: a nossa família, nossos filhos, amigos e além de tudo, nosso Deus!

Agradeço aos meus pais e irmãos pela perseverança. Externo o meu carinho e gratidão por ser filha e irmã. Para chegar aonde cheguei não foi tarefa fácil: enfrentei e ainda enfrento barreiras na sociedade, mas hoje posso provar a todos que sou capaz de ir além da minha deficiência (surdez). Perdoo-os por não terem acompanhado meu desenvolvimento educacional e pessoal. Todavia, quero que saibam que as deficiências não impedem o ser humano de enfrentar o mundo lá fora! Amo vocês de toda forma que poderíamos nos amar.

Agradeço a minha avó Sebastiana (*in memoriam*), que sempre me educou, e me ensinou o verdadeiro sentido da vida. Batalhou nos piores momentos para que eu pudesse ter uma vida digna e educação de qualidade, mas sempre disposta a colocar-me nos trilhos. Sinto sua falta, avó!

Agradeço as minhas tias/mães de criação Maria Oacy e Neuza Helena, por não medirem esforços de nos momentos difíceis, estarem ao lado! Hoje, posso dizer: venci! As senhoras me incentivaram ir à busca dos meus sonhos e objetivos. Vocês, nunca deixaram faltar nada, principalmente à minha educação por isso: Obrigada!

Agradeço a meus tios e tia Adelaide Inês, João Miguel, Manoel e Ailton, pelo olhar de carinho e paternidade!

Agradeço a minha tia Jonas (*in memoriam*), um anjo a me proteger e guiar! Você foi essencial a minha educação.

Agradeço à tia Maria Creuza (*in memóriam*). Tudo que aqui está é para você e a todas da Família! Minha saudade diária, minha verdadeira Mestra! O seu sonho está aqui concluído com sucesso! Valeu a pena toda sua dedicação, você foi fundamental na minha educação!

Agradeço aos meus irmãos do coração, primos e compadres Lolianny e Luan, pela amizade, carinho, companheirismo e conselhos. Vocês orientaram-me quando precisei mudar o foco da minha pesquisa, no início da pandemia. Obrigada pela atenção. Seus braços abertos abraçaram-me e consolaram-me nos momentos difíceis. Enxugaram minhas lágrimas, quando escorriam pelo meu rosto preocupante. Amo demais vocês!

Meu primo Henrique, hoje demonstro que um dia você também será capaz de chegar aonde quiser!

Meus compadres Viviane e Carlos, obrigada por confiarem-me a missão de amar, cuidar e educar os nossos filhos Thauan e Abdiel Vicente.

Meus meninos, meus filhos do coração Thauan e Abdiel Vicente, obrigada por darem um novo sentido a minha vida, paz na alma e tranquilidade ao meu coração!

Minha pequena sobrinha Helena, minha gratidão por me fazer sorrir cada dia mais, com suas peraltices!

Minha cunhada e enfermeira Monik Mendes, ofereço minha gratidão, por ajudar-me a cuidar das minhas duas famílias no momento que precisei me ausentar e pela orientação a minha saúde, pelo carinho e preocupação comigo durante toda a minha pesquisa!

Agradeço também a todos os meus cunhados, cunhadas, sobrinhos e sobrinhas pelo pouco que nos conhecemos e nos aproximamos. Por aprendermos que juntos, a cada dia mais avançamos sempre em frente e de cabeça erguida!

Aos meus amigos de longe e de perto: obrigada, pela força para continuar essa caminhada!

Priscila e Kamila Cristhine minha gratidão pela verdadeira amizade e carinho! E claro, pelos conselhos, dicas, livros, leituras e pesquisas emprestadas!

Minha amiga e professora Osilene Moura, obrigada por aceitar conduzir e partilhar suas experiências para que eu pudesse relatar exemplos de lutas e sonhos.

Agradeço muitíssimo a Beatriz Mello por me permitir rever a minha estrela e assim em conjunto dividir as histórias do Antônio Paulo. A ele toda minha gratidão por me fazer enxergar que além das estrelas ainda há sonhos a conquistar. Obrigada de coração Beatriz e Antônio!

Professora Nilce Maria, minha gratidão pelas orientações, dicas e conselhos de como progredir nas escritas sobre a FAINDI.

Meu amigo Benício, agradeço por compartilhar desse sonho comigo. Um trabalho tão valioso e que juntos aprendemos muito com a FAINDI.

Minha amiga Intérprete Raissa, obrigada pelas palavras de força, carinho e gratidão!

Alessandra, minha amiga intérprete, pelo pouco tempo que você esteve comigo para acompanhar meus estudos, dar-me orientações básicas, e também, alguns puxões de orelha. Minha gratidão!

Agradeço ao meu orientador Wellington Quintino por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa e em conjunto buscar aprender, unir e incluir!

A todos os meus professores do curso de Pós-graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso - UNEMAT pela excelência da qualidade técnica e ensino de cada um. Obrigada!

Aos colegas e novos amigos que fiz durante os estudos no mestrado, obrigada pelo carinho e apoio nas aulas.

Ao PPGL por aceitar abrir as portas para a Inclusão no mestrado. Obrigada

Agradeço muitíssimo a FAINDI por me proporcionar experiências novas e gratificantes no ensino da educação indígena.

Finalmente, Janaina Oliveira, interprete e amiga que tudo fez para que eu pudesse chegar até aqui dando aqueles puxões de orelhas e não me deixando desistir. Minha conselheira! Nos momentos difíceis e complicados estendeu a sua mão e me fez sorrir e enxergar o mundo de forma diferente: a vida continua! A vida tem um rumo. Enfim, a vida continua mesmo batendo de frente, caindo e se levantando sempre de cabeça erguida. Você é mais do que uma estrela e confesso que valeu todo esse sacrifício, em tão pouco tempo, e espero em breve você ao meu lado para continuar essa caminhada! A você, minha eterna gratidão!

A Oração Indígena do Silêncio

Sente-se à beira do amanhecer, o sol Nascerá para você...

Sente-se à beira da noite, as estrelas Brilham para você...

Sente-se à beira do rio, o rouxinol Canta para você...

Sente-se à beira do silêncio, Deus vai falar com você!

(Avana Daçui-rá - 2019)

RESUMO

Minha pesquisa tem base nos estudos de Shirley Vilhalva (2009) e seu mapeamento, do que ela chama de línguas de sinais emergentes em comunidades indígenas do estado do Mato Grosso do Sul. Vilhalva (2009) comprovou a existência de surdos indígenas nessas comunidades e registrou sinais usados por eles dentro das aldeias indígenas. Considerando a diversidade de povos indígenas distribuídos em todo o estado de Mato Grosso, pressupomos também a existência de indígenas surdos e possíveis indícios de línguas de sinais utilizadas por essas populações. Sendo assim, houve uma motivação: a investigação da presença de surdos nas aldeias indígenas de Mato Grosso, portanto, o objetivo foi verificar a situação dos indígenas surdos, a princípio, somente com dados teóricos. Esse estudo continuará com pesquisas mais concretas “in loco”. Os dados levantados sugerem a existência de indígenas surdos que se comunicam através de outras línguas de sinais, porém não temos base concreta de que é Libras, utilizadas por populações indígenas em Mato Grosso e que carecem de melhores descrições e documentações, uma vez que todas as línguas minorizadas em Mato Grosso se encontram em risco de extinção. Para reafirmar meu contato com os indígenas consegui entrevistar a mãe de um indígena surdo com Síndrome de Down, que me informou sobre as dificuldades e os desafios no ensino e na criação do filho, as lutas e as barreiras que precisou enfrentar para que o filho tivesse uma aprendizagem inclusiva. Logo após a entrevista da mãe houve uma entrevista com uma professora surda que o acompanhou no Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS).

Palavras-chave: Línguas de Sinais; Indígenas; Mato Grosso.

ABSTRACT

My research is based on studies by Shirley Vilhalva (2009) and her mapping of what she calls emerging sign languages in indigenous communities in the state of Mato Grosso do Sul. Vilhalva (2009) confirmed the existence of indigenous deaf people in these communities and recorded signs used by them within indigenous villages. Considering the diversity of indigenous peoples distributed throughout the state of Mato Grosso, we also assume the existence of deaf indigenous people and possible evidence of sign languages used by these populations. Thus, there was a motivation: the investigation of the presence of deaf people in the indigenous villages of Mato Grosso, therefore, the objective was to verify the situation of the deaf indigenous people, at first, only with theoretical data. This study will continue with more concrete "in loco" research. The collected data suggest the existence of deaf indigenous people who communicate through other sign languages, but we have no concrete basis that it is Libras, used by indigenous populations in Mato Grosso and that lack better descriptions and documentation, since all the Minorized languages in Mato Grosso are at risk of extinction. To reaffirm my contact with the indigenous people, I was able to interview the mother of a deaf indigenous man with Down Syndrome, who informed me about the difficulties and challenges in teaching and raising the child, the struggles and barriers she had to face so that the child could have inclusive learning. Right after the mother's interview, there was an interview with a deaf teacher who accompanied him at the Training Center for Education and Care Professionals for People with Deafness (CAS).

Keywords: Sign Languages; Indigenous; Mato Grosso.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AC	–	Acre
BA	–	Bahia
CAP	–	Centro de Apoio Pedagógico ao deficiente Visual
CAPES	–	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAS	–	Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez
CASIES	–	Centro de Apoio e Suporte à Inclusão da Educação Especial
CE	–	Ceará
CEAADA	–	Centro Educacional de Apoio ao Deficiente Auditivo
CEI	–	Conselho Estadual Indígena de Mato Grosso
CNPQ	–	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COVID–19	–	<i>Coronavirus Disease – 2019</i> (Doença do Coronavírus de 2019)
EMPAER	–	Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural
ES	–	Espírito Santo
EVA	–	Acetato de Vinila
FACIBRA	–	Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz
FADI	–	Faculdade Intercultural Indígena
FAINDI	–	Faculdade Indígena Intercultural
FAPEMAT	–	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso
FUNAI	–	Fundação Nacional do Índio
LIBRAS	–	Língua Brasileira de Sinais
MEC	–	Ministério da Educação
MS	–	Mato Grosso do Sul
MT	–	Mato Grosso
NAAH/S	–	Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação
OPRIMT	–	Organização dos Profissionais da Educação Escolar Indígena de Mato Grosso
PASI	–	Programa de Apoio e Suporte à Inclusão
PB	–	Paraíba
PCD	–	Pessoa com Deficiência

PIBID	–	Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência
PPGECII	–	Programa de Pós-graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural
PPGL	–	Programa de Pós-graduação em Linguística
PROFMAT	–	Mestrado Profissional em Matemática
RS	–	Rio Grande do Sul
SC	–	Santa Catarina
SECITEC	–	Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação
SEDUC	–	Secretaria do Estado de Educação
SEMEC	–	Secretaria Municipal de Educação e Cultura
TO	–	Tocantins
UECE	–	Universidade Estadual de Ceará
UFMS	–	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFMT	–	Universidade Federal de Mato Grosso
UFRJ	–	Universidade Federal de Rio do Janeiro
UFSC	–	Universidade Federal de Santa Catarina
UNEMAT	–	Universidade Estadual de Mato Grosso
UNESP	–	Universidade Estadual Paulista
UNIASSELVI	–	Centro Universitário Leonardo da Vinci
UNIC	–	Universidade de Cuiabá
UNICAMP	–	Universidade de Campinas
UNINTESE	–	Instituição de Ensino Superior Brasileiro
USB	–	<i>Universal Serial Bus</i>

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Aldeias com presença de indígena surdo(a)	32
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
-------------------------	-----------

CAPÍTULO I

A EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA SURDA	15
--	-----------

1.1 Meu primeiro contato com um indígena surdo	15
---	-----------

1.2 A descoberta do meu objeto de pesquisa	20
---	-----------

1.3 Conhecendo a pesquisa de Vilhalva	22
--	-----------

CAPÍTULO II

METODOLOGIA.....	31
-------------------------	-----------

2.1 Do planejado aos desafios no tempo da pandemia	31
---	-----------

2.1.1 Os indígenas de Mato Grosso	31
--	-----------

CAPÍTULO III

A EXPERIÊNCIA COM A FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS E A RETOMADA SOBRE A VIVÊNCIA COM ALUNO SURDO INDÍGENA	35
---	-----------

3.1 A experiência com a formação de professores indígenas na FAINDI	35
--	-----------

3.2 Dos saberes compartilhados com alunos indígenas ouvintes da FAINDI	41
---	-----------

3.3 A retomada/reencontro com aluno surdo indígena	45
---	-----------

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
----------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS	55
--------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema a experiência obtida em campo e que virtualmente começa em Campo Novo do Parecis, Mato Grosso. Trabalho que teve início em 2007. Para desenvolver essa pesquisa, nos embasamos nos estudos de Vilhalva (2009) que comprovou a existência dos indígenas surdos em Mato Grosso do Sul e os mapeou.

Neste trabalho buscamos explicar nossas experiências vividas com a comunidade indígena, assim como as dificuldades que percebemos, que os indígenas surdos sentem por não terem um suporte para expandir a língua de sinais, fato que faz com que muitos criem seu próprio linguajar.

Nosso objetivo foi discorrer sobre a presença de indígenas surdos e seus possíveis sinais emergentes em Mato Grosso e para tanto dividimos a dissertação em quatro capítulos.

No primeiro capítulo tratamos da experiência de uma professora surda, explanando as dificuldades encontradas, a comunicação com os indígenas surdos e as coisas que podem melhorar em leis e fora delas, finalizando com a abordagem sobre o embasamento teórico da pesquisa, a partir dos estudos de Vilhalva (2009).

Tratamos no segundo capítulo sobre a metodologia desenvolvida para fazer este trabalho.

No terceiro capítulo apresentamos sobre a FAINDI, seu papel na formação de professores indígenas e dados sobre o primeiro aluno surdo indígena que a pesquisadora teve.

Por fim, apresentamos nas considerações finais a experiência completa de uma professora surda na relação com um aluno indígena surdo.

CAPÍTULO I

A EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA SURDA

O título desta seção vem explicitar a experiência de uma professora surda ao adentrar em um ambiente completamente novo de uma faculdade indígena e de poder contemplar a amplitude que o ensino superior vai tomando e, povos, que antes eram excluídos do acesso ao ensino superior gratuito e de qualidade, e que hoje podem estar em uma universidade pública, gratuita e de qualidade, como é a Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Falar sobre Línguas é sempre uma tarefa complicada porque em geral é um tema bastante delicado e muitas vezes altamente controverso, até mesmo nos conceitos utilizados e em suas definições que podem variar entre Línguas, Linguística e Linguagem. Para melhor evidenciar a compreensão que vamos utilizar durante nossos estudos, (SILVA, 2008) nos evidencia uma interpretação desses conceitos na teoria saussuriana.

[...] Saussure parte do fato de que, diferentemente de outras ciências que têm objetos previamente estabelecidos, na Linguística isso não ocorre, já que a linguagem se apresenta ao pesquisador com faces diferentes como som, como ideia, como estrutura sintática etc. Então, na Linguística, o objeto não preexiste à teoria com a qual ele vai ser analisado. Ao contrário, é a luz de um ponto de vista que o objeto deve ser construído. O objeto da linguística é assim, denominado língua, o primeiro aspecto da linguagem (SILVA, 2008, p. 9-10).

Desde Saussure (2008), as línguas orais têm sido pesquisadas e estudadas profundamente, porém as línguas de sinais não têm a devida atenção, em relação a tais estudos.

1.1 Meu primeiro contato com um indígena surdo

Nosso objeto de pesquisa tem base nos indígenas surdos, ou seja, da língua oral e das línguas de sinais. Nosso primeiro contato com os indígenas aconteceu em 2007, no município de Campo Novo do Parecis – Mato Grosso, localizado a 416 quilômetros da capital do estado, em uma sala de estudos de professores contratados pela Prefeitura Municipal, a partir da Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SEMEC.

No final de 2005 fui convidada pela Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso – SEDUC – MT, para trabalhar e dar suporte à educação dos surdos de Campo Novo

do Parecis. Anteriormente, eu estava em uma Instituição de ensino à pessoa com deficiência auditiva. Hoje, mais conhecido como Centro Estadual de Atendimento e Apoio ao Deficiente Auditivo “Professora Arlete Pereira Migueletti” – CEAADA.

Este Centro iniciou os seus trabalhos com os surdos em 2000, sob o Decreto de criação 1.138 com a direção da Professora graduada em Pedagogia Angélica Alice Gigechi Maciel e coordenação da Professora graduada em Pedagogia Norma Salles. Quando foi aberto, o CEAADA era situado em uma silenciosa e perigosa rua do bairro Dom Aquino e a partir de dois (02) anos mudou-se para um bairro distante do centro, conhecido como Morada da Serra. Hoje a escola encontra-se situada na mais movimentada avenida do centro da cidade, na Avenida Dom Aquino, em Cuiabá, facilitando assim o deslocamento dos surdos para o centro da cidade.

Voltando sobre meus contatos com os indígenas. Conheci o primeiro Cacique, cujo nome não me recordo, mas que guardo vivo em minha memória e que vem da Etnia Paresi. O Cacique era o mentor/professor de uma aldeia e foi com ele que satisfiz a minha curiosidade. Por ser um sujeito diferente, naquele seu modo de vestir, andar e olhar as pessoas a sua volta, confesso que temia aquele ser. Foi então que os meus alunos surdos e uma professora contaram-me histórias sobre o Cacique e sua aldeia.

Recordo-me que o aluno surdo Guilherme Terres era o único que me assustava com suas histórias sobre os índios da Etnia Paresi. Apesar de ser surdo e não ser indígena tinha conhecimento sobre esse sujeito, suas culturas e crenças. Confesso que o aluno surdo era terrível, esperto em assustar as pessoas, mas ao mesmo tempo era um aluno estudioso e focado no seu futuro e objetivos. Hoje posso dizer que ele é um educador formado, pedagogo e acredito que levei meu conhecimento e meu modelo como professora e surda independente, não só a ele, mas para todos aqueles meus ex-alunos que hoje são adultos e profissionais independentes, que lutam pelos seus direitos na sociedade.

Campo Novo do Parecis é uma cidade acolhedora, cheia de histórias e conquistas, inclusive na área da Educação Especial. Minha família tinha receio e medo de me deixarem viver sozinha em uma cidade tão distante sendo surda e não preparada para a sociedade, medo do que eu encontrasse ali e aqui e não conseguisse resolver e ou enfrentar, mas confesso que consegui quebrar as barreiras porque Campo Novo do Parecis já estava sendo desenvolvida na área da inclusão e Acessibilidade! Então ao ver e conhecer mais sobre o Cacique, um dia tomei coragem! Puxei Guilherme e uma professora intérprete pelas mãos e falei que gostaria de entrar naquela tenebrosa sala silenciosa, tomada pelo frio do ar condicionado, tapetes de

palha ou folhas de palmeiras, feitos a mão, indígena esticada ao chão, estantes emolduradas e enfeitadas de vasos e pequenas artes de alguns animais silvestres. Também observei ali, artefatos, artes, culturas e histórias sobre aquelas quatro paredes brancas e verdes claros com um quadro onde se via um monte e uma serra da cidade. Entre sua aldeia há um rio que corre, uma cachoeira que desce veloz e ao lado umas ocas com pequenos piás brincando, dançando, se enfeitando, outros sentados fazendo artefatos, tecendo suas redes, tapetes e vestimentas festivas, dançando suas danças, preparando comidas e pinturas com jenipapo com diversos traços, rabiscos no seu corpo e de seus povos.

Naquele instante, no meio deles o tal Cacique (me fascinei com aquela imagem) ao conversar com o mentor, a professora e intérprete Salete de Nardin foi quem deu voz as minhas sinalizações dizendo que gostaria de conhecê-lo. O Cacique estranhou-me e o aluno surdo apenas ria e me dizia “calma, calma, ele é bonzinho!” (Com uma expressão de sarcasmo típico do Guilherme!) Eu só pensava se ele estava me importunando ou dizendo a verdade, coração acelerava, as mãos suavam, mas eu não deixava nenhum dos dois escaparem. Sentei-me de frente ao Cacique, antes de sentar ele fez um gesto de saudação (com a cabeça) e eu tinha que imitá-lo.

A professora intérprete explicava minha vinda/trajetória à SEMEC. Fui convidada a sentar no chão com ele frente a frente, pernas cruzadas e as mãos sobre os joelhos saudações em outra língua, movimento da cabeça, e observava que ele nunca sentava em sua cadeira que era posta ao redor da sua mesa e sim naquele chão frio forrado com o tapete e que eram tomados pelo ar condicionado da sala. Enquanto eu, na minha língua de sinais, queria entender como a professora intérprete entendia a língua indígena e como o aluno surdo se tornou amigo e colega dos indígenas Paresi que ali frequentavam as salas de estudos e reforços escolares. Eram tantos os meus pensamentos. “O primeiro toque de mãos e a primeira palavra que entendi dele foi: “calma, sou Cacique Etnia Paresi, mentor dos pequenos piás” o que seria um “piá”? A professora intérprete traduziu: “piá”: “crianças indígenas”, “mentor: professor”, “Cacique: chefe da aldeia”. Perguntou-me o que eu gostaria de saber. Guilherme só me assustava com suas brincadeiras, foi então que o Cacique percebeu o meu medo e disse sorrindo:

“Brincar ele está. Eu não sou mal” fiquei maravilhada e tranquila por ele falar em português e bem devagar.

A professora intérprete disse que isso ele foi aprendendo aos poucos pelo contato com os surdos ali dentro onde sempre tinham a curiosidade e que, de vez em quando, os

alunos surdos tinham aulas de histórias com uma professora (não me recordo do nome da professora e não confirmo se até hoje ela está presente nesse trabalho com os indígenas) que trabalhava com ele e, que às vezes, frequentava e apoiava na educação indígena da aldeia. Era o braço direito do Cacique, inclusive na educação dos indígenas, por isso já estavam tão acostumados com o sujeito indígena dentro e fora da sala e foi isso que fez a arte e mania de o aluno surdo assustar, provocar e brincar com os outros. Enfim, perdi o medo e fiz várias perguntas. Fui conhecendo cada história, cada cultura, suas crenças, suas formas de viver e conviver na sociedade. Conheci bebês indígenas, crianças e jovens indígenas que ali adentravam para seus reforços escolares e que também andavam pela cidade da mesma forma como nós.

Alguns usavam vestimentas adequadas outros, nem tanto, e desfilavam normalmente nas ruas com seus corpos seminus e enfeitados com vários traços, desenhos pintados pelo corpo, arco e flecha sobre suas costas e até mesmo jovens com lanças andavam normalmente e cumprimentavam as pessoas que passavam ao seu lado. Eu me encantava com tudo isso. Conheci seus artefatos, o que eu mais gostava de tocar (passar os dedos e sentir cada parte e traços daquela arte): arco e flecha e um cocar de penas lindas! Eu só não podia ouvir a voz do indígena e entender a sua língua, sua fala. Mas ele nos entendia. Tem dias que ele sumia e eu já me preocupava, pois começava a ler histórias para conhecer e aprofundar mais sobre os índios. A intérprete percebia a minha preocupação porque quando eu chegava a minha sala encontrava a do Cacique sempre trancada durante uma semana de cada mês. Porque na hora do intervalo, ao invés de eu ir brincar com as crianças surdas no pátio da SEMEC, eu preferia ir à sala do Cacique admirar o arco, a flecha e o cocar e ainda ler alguns dos quadros históricos. Teve dias que eu não conseguia entender e só pensava se algo havia acontecido, pois nem nas escolas onde dávamos aula ele comparecia e sim a sua sucessora. Sim, sim. O Cacique ainda era professor de uma disciplina nas escolas municipais e na aldeia.

E quando ele retornava fui me aprofundando e um dia eu lhe perguntei:

“Mentor há algum piá surdo (a) na aldeia?” “Etnia Paresi não.” E novamente perguntei: “Se caso houver ou vier a nascer um indiozinho (a) surdo (a)? O que faria?” A resposta para mim foi um choque, a pergunta para ele foi cativante: “eu trarei o aqui aprender junto” (responde-me com serenidade triste no olhar e de cabeça cabisbaixa) e eu curiosa ainda: mentor o porquê dessa triste resposta?” Ele me pergunta em sua língua kawali (há também outros dialetos da Etnia Paresi): “por que a senhorinha entender quer?” (Traduzido língua de sinais pela intérprete). Não hesitei apenas curiosidade: Por que. Fiquei pensando se

houvesse indígenas surdos eles realmente seriam iguais a nós surdos? O que mudaria o que seria diferente, o que e como viveriam na área da surdez dentro de uma aldeia? Eram tantos e tantos os que e porquês. Apenas ele me disse: “Aldeia triste porque não aceita defeito...” Por isso que entendi a tristeza do Cacique. Caso na aldeia nasça algum indígena com defeito ou sendo incapacitado, eles são obrigados a sacrificá-lo! Mas percebi que o mentor tinha um bom coração e confessei que não seria verdade, ou talvez ele não tivesse coragem de sacrificar um ser indefeso devido a sua cultura, costumes e crenças.

Acredito que daquela época algo já tenha mudado. Hoje não sei como ainda é lá na aldeia. Aprendi ali as histórias durante um ano da minha permanência na SEMEC e foi assim que eu trouxe comigo em meu peito e em minha memória o conhecimento sobre o primeiro indígena da Etnia Paresi. E foi então que retornei a Cuiabá sendo novamente contratada pela SEDUC para uma nova instituição que eles criaram/fundaram durante a minha ausência, o Centro de Apoio e Suporte à Inclusão da Educação Especial – CASIES/MT. Este Centro deu início aos seus trabalhos, em um bairro meio distante do Centro de Cuiabá, o bairro Bandeirantes, em uma pequena sala menos confortável para atender uma demanda de quase vinte e cinco (25) pessoas que foram/iam à busca de uma formação continuada na área da educação especial de/com vários núcleos da deficiência que são:

- CAP – Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual de Mato Grosso, tem como missão garantir apoio e acesso às pessoas com deficiência visual. Implantado através do decreto nº 1238/00 o Centro conta com recursos humanos especializados para oferecer serviços de apoio pedagógico e de suplementação didática ao sistema de ensino.
- CAS – Centro de Formação dos Profissionais da Educação e Atendimento à Pessoa Surda de Mato Grosso, tem como missão capacitar os profissionais da educação, orientar as famílias de pessoas com surdez, desenvolver profissionais surdos e tradutor/Interpretes para a inserção no mercado de trabalho. Instituído sobre a Lei Estadual 8.962. O Centro oferece também Cursos Básicos de Formação 1, 2, e 3, Noções Básicas de Tradução/Interpretação aos profissionais que atuam no ensino de alunos surdos e/ou surdo cegos. Faz-se também adaptação de materiais didáticos com apoio e orientação dos professores surdos, professores da língua portuguesa, pedagogos e tradutor/intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

- NAAH/S – Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação de Mato Grosso- tem como missão oferecer apoio pedagógico especializado aos sistemas de ensino no atendimento às necessidades educacionais dos alunos com Altas Habilidades/Superdotação. Implementado pela Lei Estadual 8.670 o Núcleo tem a função de prestar atendimento suplementar para que os alunos explorem e se aprofundem em áreas de interesse e conhecimentos adquiridos e que desenvolvam suas habilidades relacionadas sócios emocionais e motivacionais. Visa também dar suporte e prestar apoio, orientação à família, formação aos profissionais da educação para um melhor atendimento aos alunos com Altas Habilidades/Superdotação.
- PASI – Programa de Apoio e Suporte à Inclusão de Mato Grosso diante da Política de Atendimento da Secretária de Educação de Mato Grosso – SEDUC e as diretrizes e normativas definidas do CASIES, o Núcleo é estruturado e funciona com seus objetivos definidos, suas metas e diretrizes, organizando os principais procedimento e direcionamento para atendimento multiprofissional dos alunos público – alvo da Educação Especial. O PASI (não possui lei e nem decreto para que possa especificar a criação do Núcleo) contribui com o apoio e suporte pedagógico junto com a escola e a família, pois a aprendizagem é um processo interativo, onde permeiam variadas informações e buscam soluções através de pesquisas e estratégias.

E no início do ano de 2007 quando retornei à capital fui diretamente para o CAS. Trabalhei durante sete (07) anos ministrando aulas, cursos, palestras, reforços escolares, apoio às escolas inclusivas, formação de professores, formação de intérpretes, formação de instrutor surdo, apoio à família de surdos e surdos cegos, criação de apostilas, criação de vídeos aulas, criação de Atesto e tantos outros projetos que ficamos juntos com outros profissionais surdos, intérpretes e professores do CAS. O CAS foi uma porta aberta para o meu processo de crescimento profissional na educação especial. Ali era o meu lar. Meu grande lar de aprendizagens e saberes, conhecimentos mútuos que guardo até hoje comigo. Mas espero em breve retornar a esse lar de aprendizagem e onde fiz muitos amigos.

1.2 A descoberta do meu objeto de pesquisa

Durante o ano de 2009, em uma brincadeira com um professor surdo e aluno surdo pelo pátio do CASIES em uma silenciosa e refrescante manhã onde em um pé de jambo

brotava aquelas lindas flores rosa que formavam um belo tapete pelos gramados verdes, me esbarrei em um serzinho (hoje chamado de reizinho) que tinha aproximadamente uns quatro (04) ou cinco (05)¹ anos de idade àquela época e hoje é um adolescente que está com quinze (15) anos). Era um pequeno indígena da Etnia Cinta Largo, da cidade de Aripuanã/MT, a 976 quilômetros de Cuiabá. Eu me virei para pedir desculpas nas minhas duas línguas (português e Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS) por sorte não o derrubei, preocupei-me com isso ao perceber que ele era ESPECIAL! Tentei conversar e novamente pedir desculpas foi quando o meu colega me disse: “Andréa, ele ser Surdo”. Assustei e me encantei com aquele olhar nos meus olhos e um sorriso tímido nos lábios. Retribuí isso tudo e com isso veio-me a lembrança do Cacique Paresi, e tudo que com ele aprendi.

Antônio Paulo! Esse é o seu nome! Tímido, calmo, sempre cabisbaixo e com um olhar doce. Perguntei em língua de sinais: “Machucar eu e você?” “Dor?” “Mamãe onde está?” “E novamente meu colega me disse:” “Andréa ele não Libras saber”! Ele novo aqui, mamãe ouvinte adotiva!” Congelei-me! Não queria acreditar que vi o primeiro indígena surdo e com Síndrome de Down (eu sou apaixonada por Down por eles serem tão carinhosos, compreensivos e inteligentes)! Antônio provou isso. Ele mesmo pegou em minha mão para me levar até a sua mãe, e ali ela estava conversando com a coordenadora e professora Norma Salles. E a mamãe dele dizia a ele em tipo de gestos (não língua de sinais): “você já fez amigos?” “E ela sua amiga?” Ele a entendeu e acenou positivamente com a cabeça que sim. Como uma estrela no céu. E foi aí que nasceu a minha vontade de focar no indígena surdo, a sua língua, a sua cultura e sua história.

Antônio despertou em mim a curiosidade de como ele entendia sua mãe adotiva. “Onde estão seus pais?” “São indígenas?” “Qual sua etnia, sua aldeia, seus povos?” E novamente eu queria aguçar essas curiosidades e eu não podia ainda chegar perto da mãe adotiva. Enquanto a mãe estava ali em uma reunião, Antônio Paulo ficava a espera e eu não podia chamá-lo para brincar, pois para ele eu ainda era uma desconhecida, mas eu trocava sorrisos e olhares com ele. E foi a partir desse dia que nunca mais o vi. E a minha cabeça cada dia mais martelava: “Onde está aquela estrela?” “Por que sumiu?” Perguntava aos meus colegas e ninguém sabia me responder.

“Professora Norma Salles onde está Antônio?” Somente ela sabia e guardava as informações, ela apenas me informou que ele é um índio surdo adotado pela mãe que

¹ Não me recordo corretamente a idade do indígena surdo, mas que era pequenino para uma criança com idade de quatro (04) a cinco (05) anos.

está/estava na luta para conseguir a guarda. Eu queria saber mais sobre ele. A professora Norma Salles com uma paciência e humildade no olhar me orientava apenas para eu segurar a minha curiosidade. E, se eu soubesse muito mais sobre ele com certeza eu iria atrás para tê-lo por perto não só conhecê-lo, mas dedicar-lhe meus ensinamentos, a minha amizade. Eu não conseguia! Aquela estrela sumiu!

Então foi aí que comecei a pesquisar sobre alguns surdos mais avançados, com formação e artigos publicados pelos estados do Brasil e de repente vi um artigo sobre Shirley Vilhalva, professora e poetisa surda, mestra em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) do estado de São Paulo e atualmente é professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em Campo Grande/MS. A professora surda apresenta ao mundo dos surdos e ouvintes os seus trabalhos com indígenas surdos e não surdos e diversos projetos de pesquisa, com foco na Cultura Surda, artigos publicados, entrevistas e palestras.

Tive o prazer de ter a Shirley Vilhalva como mentora durante os cursos de Formação de Instrutores em Cuiabá e no Rio de Janeiro quando visitei pela primeira vez o Instituto Nacional de Educação dos Surdos do Rio de Janeiro (INES), em 2006, com um grupo de professores do CEAADA. Confesso que a Professora surda Shirley Vilhalva também foi mais uma estrela que caiu do céu para despertar meu aprendizado e conhecimentos! Recomecei a planejar cursos de formação para os surdos, os intérpretes, professores na área da inclusão aos surdos, famílias, organizei palestras e tudo isso sendo como convidada a Shirley Vilhalva e com o apoio da SEDUC e CAS.

1.3 Conhecendo a pesquisa de Vilhalva

A dissertação de Vilhalva (2009) visa analisar o uso da língua de sinais dentro da etnia Guarani, nas aldeias Bororo e Jaguapiru, localizadas em MS. A dissertação discorre nas subdivisões da etnia Guarani: Kaiowá, Mbyá e Ñandeva, essas etnias dividem o mesmo espaço, sendo que a maioria delas é a Kaiowá e Mbyá, a minoria, os Ñandévas, uma peculiaridade da etnia Guarani. Cada uma traz consigo uma “propriedade da fala”. Como a maioria é ouvinte, a pesquisadora ressalta que a família busca interagir e ilustrar o máximo possível das coisas para dar sentido e a criação da linguagem/língua, deste modo o estudo é

aplicado para a compreensão da emergência da linguagem de sinais dentro das comunidades indígenas.

Na introdução do trabalho de Vilhalva (2009), ela aborda os estudos linguísticos e a perspectiva da linguística e do seu estudo nas comunidades através da língua. Ela ressalta a importância do reconhecimento de diferentes línguas de sinais existentes no Brasil, trazendo a Lei nº 10.436 de abril de 2002, que fala sobre o reconhecimento padrão da língua de sinais, porém esse campo ainda é vasto a ser pesquisado aqui no Brasil, principalmente as que ocorrem nas comunidades indígenas, que ainda são raramente registradas. Assim como as outras línguas registradas no Brasil, a língua de sinais também acarreta suas especificidades culturais, étnicas, regionais e assim por diante.

Em uma abordagem mais profunda sobre a busca e registro da língua indígena de sinais, é mencionado sobre a etnia Xavante de Mato Grosso, de São Marcos próximo ao município de Barra do Garças. Ali, em 1991, a pesquisadora aborda que houve uma experiência e conhecimento da cultura e da existência de indígenas surdos e a falta de ter um intérprete da língua para a comunidade.

Uma observação da própria Vilhalva é que a semelhança que o ensino do português possui com a língua de sinais é que ambas recebem adaptação. Ela explica que na produção do dicionário Xavante envolveu a comunidade de alunos de diversos anos escolares do fundamental. Ao observar isso, ela chega a uma conclusão da importância de ter o contato com os indígenas surdos, pois é através da convivência que se podem obter dados e fazer o registro, porém como fazê-los se até aquela instância ainda não havia registro nenhum. Para tanto, ela faz uma busca para poder desenvolver sua pesquisa.

A pesquisa abre com uma introdução dividida em três partes: no primeiro momento justificando a sua escolha para realizar a pesquisa, pois em seu relato as línguas de sinais são as que sofrem uma pequena demanda de registro, desconhecida da maior parte da população, e a língua de sinal indígena precisa ser reconhecida, pois são raros os registros das línguas voltadas para a língua indígena. No decorrer da explicação sobre a sua justificativa, ela aborda a importância que o material do pesquisador Bartolomeu teve para a etnia Xavante, pois possuem gravações e dicionário elaborado com alunos da antiga 8ª série e 7ª série, saindo em cartilha e se tornando o primeiro dicionário Xavante.

A partir dessa reflexão, a autora observou que para desenvolver uma pesquisa voltada para a documentação da língua de sinais indígena, ela deveria estar em contato com a comunidade, ter uma vivência para que a coleta de dados fosse bem sucedida, pois ela fez

uma observação voltada ao ensino da língua portuguesa como uma segunda língua, sendo que eles acabam adaptando essa segunda língua, não muito diferente do que é ensinado em Libras, quando tratada como segunda língua.

Um ponto essencial na reflexão da autora é que a língua (isso no modo geral da linguística) é social, pois a língua carrega a cultura, o étnico, etc. Isso não difere em nada do que a língua de sinais representa. A única coisa a se buscar é como aplicar o ensino dela, em sala. Neste momento é dito que os conceitos da política linguística abrangem novas didáticas e novos saberes.

Em um segundo momento da introdução, a autora aborda a trajetória pela busca de indígenas surdos, pois a sua experiência com os Xavantes, que ela lembra com muito carinho, a fez querer buscar os direitos de ensinar Libras para os índios surdos, pois ela vivenciou a exclusão da sociedade e das pessoas por ser surda, e como era difícil se comunicar antes de conhecer a língua. Após conhecer e praticar, a vida dela se tornou mais fácil e assim, ela se sentiu em paz com a sociedade. Por este sentimento, levou o projeto “índio surdo sem demora” que obteve apoio dos municípios e do governo do Estado. Desse modo, ela mesma relata o quão escasso os recursos são para o amparo aos indígenas surdos e a falta de projetos para a língua de sinais.

Na última parte da introdução, a pesquisadora aborda sobre o que o seu trabalho trata: a procura de indígenas surdos, da etnia Guarani e suas variantes Kaiowá, Mbyá e Ñandéva; fazer um mapeamento das línguas emergentes; documentar a existência desses índios surdos. Uma ressalva feita pela pesquisadora é exatamente sobre a importância desse estudo, pois está sendo até o atual momento o pioneiro em focar nos índios surdos de modo específico, explicando na página 09 “não dispomos de estudos mais profundos sobre o tipo de mapeamento que necessitamos fazer, o que não nos permite construir então, uma metodologia de pesquisa mais adequada”.

Em resumo ela aborda os objetivos da pesquisa: observar, registrar os sinais emergentes, mapeamento linguístico, políticas linguísticas das línguas de sinais indígenas brasileira no âmbito da educação. Para isso ela divide a pesquisa em cinco partes. No primeiro capítulo ela aborda as teorias linguísticas, no segundo o procedimento teórico e metodológico, juntamente com análise; no terceiro, a história do povo Guarani, no quarto o mapeamento e no quinto o levantamento das línguas utilizadas pelos indígenas.

Partindo dessa premissa, no primeiro capítulo ela aborda a perspectiva dos estudos linguísticos relacionados com a língua do povo surdo. Para essa abordagem, ela traz o autor

Calvet dizendo na perspectiva dele: a língua como um estudo das comunidades humanas através da língua. Vilhalva apresenta também os estudos de Karnopp, que aborda a conclusão em relação aos traços atribuídos às línguas em geral e ele destaca: flexibilidade, versatilidade, arbitrariedade, descontinuidade, criatividade, produtividade, dupla articulação, padrão de organização dos elementos e dependência estrutural.

Conceito de uma língua (lembrando que todas as línguas são naturais, isso é dito por Câmara Júnior, que fala sobre as línguas indígenas, pois todas as línguas possuem estrutura, por si só, fazendo-a ser natural).

[...] Ora, essa teoria imagina uma evolução contínua da humanidade, de um estágio atrasadíssimo para um estágio adiantado, e os povos indígenas eram colocados nesse primeiro estágio de atraso. As suas línguas, com e a consequência lógica dos próprios postulados da teoria, tinham de ser completamente diferentes das línguas de civilização, quando o homem já atingiu um estágio muito mais evoluído. Daí decorreu, até a denominação de povos “primitivos” e línguas “primitivas”. “Independentemente dela servir a uma cultura rudimentar ou muito complexa” (JUNIOR, 1997, p.85 e p.89.)

Assim, as línguas de sinais são naturais, pois de acordo com a autora, as línguas de sinais possuem uma característica especial, pois apresentam uma modalidade que não é vislumbrada nos estudos das línguas oralizadas.

A pesquisadora trata a linguística como empírica e aborda os estudos de Saussure voltados para a língua de sinais que foi abordada sem ele perceber, pois a língua de sinais envolve sistemas de regras abstratas que também podem ser analisadas por meio do sistema de valores e pelos fatos sociais.

A autora ressalta que eles são importantes, pois observam e descrevem qualquer língua, incluindo Libras. Exemplo dado pela autora sobre o linguista Stokoe. Ele não conhecia a Língua de Sinais Americana – ASL, e ao observar os surdos, percebeu que há diferença entre as sinalizações quando um surdo se comunica com outro. Cuidadosamente, ele observou a sinalização utilizada pelos surdos, mostrando que a língua seguia uma gramática própria. Mesmo ele não sabendo o ASL, buscou escrever a gramática da língua de sinais, iniciando a revolução dos estudos linguísticos mostrando ao mundo que as línguas de sinais são naturais.

Dentro das diretrizes da escola indígenas, a autora ressalta o Referencial Curricular Nacional, que trata as línguas de sinais indígenas como “língua de instrução” uma língua que visa apenas dar conceito, esclarecer e explicar, nada mais que isso. Dentro do RCN ela aborda as políticas linguísticas, ressaltando a importância dos estudos das línguas emergentes, assim,

é possível no futuro um planejamento envolvendo a criação de sinais, com empréstimos linguísticos e acréscimo no vocabulário existente.

No capítulo dois, a pesquisadora traz o conceito das políticas linguísticas, a problemática da língua emergente e a metodologia usada, juntamente com a análise. Ela inicia o capítulo falando sobre coleta de dados e a dificuldade encontrada em se comunicar com os surdos indígenas, e para que essa coleta fosse registrada. Para fins de análise foi utilizada a filmadora, máquina fotográfica e papel e caneta para transcrever os sinais emergentes. Como ela disse no primeiro capítulo, a linguística tem um papel fundamental para sistematizar a língua, para isso, o foco dela foi embasado em Geertz (2008), pois segundo este autor, os aspectos cognitivos, existenciais e culturais ocasionam a “visão de mundo”, buscando a realidade, a natureza em si, da sociedade, do estilo moral e étnico. Assim, as pessoas que vivenciam essa realidade, podem observar e fazer estudo sobre a língua. Ao abordar as características de uma busca para sistematizar uma língua, a autora ainda ressalta que a pesquisa visa olhar “de perto e de dentro” para poder estabelecer relações entre os documentos do sistema e atribuir significado de acordo com a óptica de dentro do sistema.

Ao abordar Gatti (2005) ela traz o conceito do teórico destacando que:

Permite compreender processos de construção da realidade por determinado grupo social, compreender práticas cotidianas, ações e relações e fatos e eventos [...] constituindo técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crença, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologia” (p. 22).

Este conceito é descrito como aporte para o desenvolvimento da sistematização das línguas emergentes e o mapeamento.

A metodologia abordada pela autora é etnográfica qualitativa linguística, com foco em duas questões, a primeira: “Onde estão os índios surdos?” A segunda: “Como as línguas de sinais são usadas pelos familiares e como isso emerge sentido no contexto plurilíngue dos indígenas de Mato Grosso do Sul?” Para poder responder essas perguntas, a pesquisadora coletou os dados com 8 alunos, das variantes do Guarani: Kaiowá, Mbyá e Ñandéva. Ela aponta que por ser uma diversidade de língua emergente, o objetivo de esquematizar linguisticamente, com processos morfológico, sintático, semântico e pragmático se tornou impossível. Merece ressaltar também que, cada momento fora registrado, e a cada sinal, os familiares confirmavam o significado. A esquematização da roda da conversa foi: Libras, português e guarani. Assim, a autora possuía muitos materiais, para pouco tempo de análise complexa.

No terceiro capítulo, ela aborda o mapeamento das comunidades com foco nos indígenas surdos, entretanto a autora já apresenta dados sobre o “diário índios-os-urubus Kaapor”. O conteúdo desse diário é o relato da existência dos indígenas surdos e deficientes, todavia, as pesquisas anteriores não focavam nessa “minoría” e nem apresentavam projetos para esse grupo. Somente em 2008, as pesquisas focadas para esse grupo começaram a fluir, porém como já mencionado, já havia dados sobre a língua de sinais, a língua em geral chamado Kaapor Brasil (LSKB) (LÍNGUA BÁSICA). A autora ainda apresenta um quadro comparativo das línguas emergentes com a Libras português, as palavras comparadas são: **milho – awati, mandioca – mandi’o, gato – mbarakaja.**

No quarto capítulo a autora aborda a história da etnia Guarani, que é conhecida por terem a crença na terra sem males, pois a terra para eles é sagrada, da qual provém a fonte da vida, no entanto na atualidade toda a sua estrutura organizacional está sendo reconstruída, pois eles dividem as suas terras com os demais Guarani e outras etnias. O Brasil possui atualmente a maior concentração dos Guarani no sul de Mato Grosso, e a maior concentração dos Guarani em outros países encontra-se na Bolívia, isso de acordo com a pesquisa da Vilhalva, enquanto Paraguai fica em segundo com a predominância do Guarani.

Como a autora mencionou, o Guarani é a língua oral que transcende de geração em geração, e isso é dado oralmente, portanto os Guarani são a etnia que preza muito a língua. As pesquisas dos missionários eram voltadas para o tupi-guarani, sendo a língua mais estudada. Por mais que o Guarani seja a língua mais documentada, ainda há uma grande guerra entre os povos “civilizados” e os indígenas.

Câmara (1965) fala que o que é desconhecido pelo homem, eles têm medo e não age bem, isso ocorre com todas as línguas indígenas, o problema da aceitação dos demais.

Os povos Guarani sempre mostraram uma sabedoria superior ao povo “branco” a aceitação e sobriedade de sabedoria, em suas narrativas, em suas crenças, enquanto os padres demonstraram um receio e resistência à crença e conhecimento dos Guarani.

Em um breve resumo da historicidade em geral dos Guarani, a pesquisadora volta para um tópico pessoal em que relata a experiência dela com os povos Guarani e a sua busca por indígenas surdos. Ela relata que a experiência dela com os indígenas surdos, a fez perceber o quanto eles precisam de apoio e ajuda no ensino. Ela buscou se comunicar com os alunos através de sinais, não obteve sucesso, tentou o alfabeto, e o aluno não se interessou, buscou escrever no papel, e pouca interação obteve. Segundo os relatos todos ao redor, perceberam que essa área necessita urgentemente de investimento e cuidado.

Atuando com a Secretaria Municipal ela fez um projeto junto com os representantes da secretaria, avaliando os dados decorrentes de 2003 a 2009. Esse projeto visava atender as necessidades da escola e dos indígenas surdos, pois dentro da tabela que ela apresenta o uso da língua de sinais local, Libras português, escrita em português, oral local e em português. Os materiais e recursos foram aumentando e englobando mais alunos surdos na comunidade escolar.

Ainda neste capítulo, ela responde à pergunta de onde estão os indígenas surdos, em torno de dezesseis (16), com a faixa etária de oito (08) a trinta e cinco (35) anos, na aldeia Jaguapiru e Bororo na região de Mato Grosso do Sul.

No quinto capítulo, a autora foca em fazer o levantamento e registro dos indígenas surdos. Para isso ela discorre sobre a formação dos GUARANI, os quais já são a segunda maior população do BRASIL. Ao abordar as leis que asseguram a demarcação de terra, as disponibilidades médicas, e escola, o foco dela é ressaltar a importância dos profissionais da educação indígena.

Seguido disso ela aborda o mapeamento em 2006, em que foram identificados trinta (30) surdos de diferentes idades e muitos fora da escola. A maioria ainda permanece fora. Com todo o contato da Secretaria os dados fornecidos é que a comunidade cresceu em torno de trinta (30) a quarenta (40) surdos. Cerca de setenta e quatro (74) participaram deste mapeamento, e todos de diversas etnias.

Um ponto a ser destacado neste capítulo é voltado para a importância da transcrição e observação desses sinais. Mostra o íntimo da família, a adaptação utilizada para comunicar com os filhos (índigena surdo), a comunicação com a família e amigos, aos poucos são incluídos os recursos necessários para a compreensão dialógica.

A autora, na página 95 fala “quando a comunicação feita com uso dos sinais familiares não flui, o uso do apontamento tenta solucionar a questão proposta”. Como ela relata as línguas de sinais emergentes, busca uma tentativa de comunicação, sem o conhecimento do léxico usual do índio surdo. A comunicação com outro índio surdo acrescenta ainda mais no meio de comunicação do indígena surdo.

Nas considerações finais a autora conclui que este estudo sobre o mapeamento das línguas de sinais emergentes, traz conceitos da linguística e das políticas linguísticas, que contribuem para o conhecimento e desenvolvimento das línguas de sinais. Para a autora, esses estudos apontam para os indígenas surdos como uma minoria, já que as pesquisas anteriores não deixaram explícita a existência deles, e mesmo dentro da pesquisa de campo, a autora

relata que na sua busca não conseguiu encontrar tantos índios surdos na comunidade dos Kaiowás e Nandévas, como ela esperava. Ela conclui também, que os sinais emergentes estão presentes na relação plurilíngue da comunidade.

Temos também, além dos estudos de Vilhalva em etnias de Mato Grosso do Sul, alguns estudos sobre os indígenas Kaapor. Foram encontrados alguns registros sobre a Língua de sinais dos Urubu - Kaapor brasileira em que Ferreira Brito iniciou sua importante pesquisa em 1982, onde ela conviveu durante um (01) mês para observar em seus estudos a neutralidade da língua de sinais Kaapor, onde podemos afirmar que a língua de sinais indígenas é também uma língua natural e que normalmente poderá desenvolver/ter acesso a uma segunda língua: a escrita.

[...] Esta língua de sinais é usada por uma comunidade indígena sul do estado do Maranhão aqui no Brasil. Essa língua de sinais é utilizada pelo povo indígena Ka'apor que vive em cinco (05) aldeias distribuídas pela região do Alto Turiaçu no sul do estado do Maranhão. Pesquisas mais recentes, como Brito (1984) e Kakamasu (1986), apontam que de dez (10) em cada sete (07) usuários surdos da língua e por volta de quinhentos (500) usuários ouvintes. O uso da língua de sinais por parte das pessoas não-surdas dentro das aldeias ka'apores é notável, uma vez que não é comum que as línguas de sinais sejam abraçadas pelas comunidades ao seu entorno. Também, podemos afirmar que estudos mostram que essa Língua de sinais Kaapor está aos poucos sendo extinta. Uma vez que a Língua de sinais é transmitida dos adultos para as crianças conforme o nascimento de crianças surdas. Pode-se concluir que no cenário em que eles vivem com pouco nascimento de crianças surdas, essa Língua tem deixado de ser usada dentro das aldeias. (KAKAMASU, James 1986 UrubuKaapor. Pág. 326-403.)

Os poucos registros que temos sobre essa Língua de Sinais Kaapor, nos faz pensar em quão necessário é poder futuramente empenhar em reforçar essas pesquisas das Línguas de Sinais Indígenas dos indígenas Kaapor e também em outras aldeias, principalmente aqui no estado de Mato Grosso.

Ainda sobre alguns povos indígenas de Mato Grosso, especialmente na cidade de Cáceres, tomo como uma pequena informação do acervo sobre a Etnia dos povos Chiquitanos (POVOS INDÍGENAS DO BRASIL 2012):

No Brasil, os Chiquitanos vivem no estado de Mato Grosso, na fronteira com a Bolívia, nos municípios de Vila Bela, Cáceres e Porto Esperidião. Na Bolívia, localizam-se no departamento de Santa Cruz, nas províncias Nuflo de Chaves, Velasco, Chiquitos e Sandoval. No Brasil, há algumas comunidades pequenas, de cinco a oito famílias, que vivem na beira da estrada que liga Cáceres a San Matias. Há também comunidades maiores, com número variado de 10 a 30 famílias, cujas terras foram loteadas pelo Incra e tidas como "assentamentos". Há ainda agrupamentos que vivem nos

destacamentos militares da fronteira do Brasil, com cerca de 30 a 40 famílias nucleares e que têm "permissão" para viverem e plantarem nessas terras. Por fim, há algumas famílias que vivem em fazendas, sob a aparente aprovação do fazendeiro (Silva et al,1998).

No Brasil, há vinte (20) comunidades chiquitanas identificadas pela pesquisadora linguista Áurea Cavalcante Santana. Ela também nos informa em sua pesquisa que no Brasil há aproximadamente dois (02) mil, enquanto na Bolívia são mais de quarenta (40) mil povos Chiquitanos.

Silva, Diná Souza da. Inventário de línguas de sinais emergentes encontradas no Brasil: o caso da Cena (Jaicós – PI) e da língua de sinais de Caiçara (Várzea Alegre – CE. (Tese) doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Linguística, Florianópolis, 2021.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

2.1 Do planejado aos desafios no tempo da pandemia

Durante meus estudos no mestrado, o meu objetivo era focar no indígena surdo e sua língua de sinais indígenas de Mato Grosso em aldeias do nosso estado. Ir à busca dessa pesquisa para mim era como ir ao encontro de uma verdadeira realidade para poder conhecer e dar visibilidade às línguas de sinais dos povos indígenas deste estado, mas com a chegada da pandemia da COVID-19 confesso que o nosso mundo virou de ponta cabeça porque era uma situação desesperadora e muito complicada para entender, seguir e se adaptar. No meu caso, houve muitas barreiras, mas pensando que o mundo não acabaria dessa forma e que era possível seguir adiante com os estudos, era o momento de todos nos distanciarmos, usar máscaras, álcool em gel e lavar as mãos a cada segundo para que não pudéssemos nos contaminar e também proteger aqueles que estivessem ao nosso redor e a quem amamos muito que eram/são a nossa família.

Neste capítulo, irei relatar os desafios encontrados durante a pandemia COVID-19 e que nos fez adaptar à nova realidade e que nada foi fácil para superá-la. Mudar drasticamente a nossa rotina foi uma tarefa difícil, pois tínhamos que recorrer a planejamentos à distância e encontrei muitas dificuldades para planejar e fazer acontecer a minha tão esperada pesquisa nas aldeias.

2.1.1 Os indígenas de Mato Grosso

As aulas realmente foram todas suspensas, lojas, supermercados, shoppings e universidades fechadas, prefeituras e estados criando, enviando e assim mantendo decretos para proibição de visitas a diversos lugares, pequenos comércios e, claro, incluindo aldeias indígenas. No início de 2019, no mês de fevereiro, durante a ministração da disciplina de Libras² na FAINDI resolvemos então perguntar aos acadêmicos indígenas sobre a presença de indígenas surdos dentro de cada aldeia e etnia. Foi então que peguei/vi a oportunidade de

² Libras disciplina ministrada em conjunto pelos professores Nilce Maria da Silva, Benício Bruno da Silva e eu, Andrea.

tentar pesquisar com cada uma das etnias sobre a visita para conhecer de perto a vida do indígena surdo.

Foram anotadas todas as informações como nomes completos, aldeias, municípios, telefones, inclusive o WhatsApp³ e grau de parentesco (somente indígena surdo(a)). Seis (06) aldeias confirmaram a presença de um (a) indígena surdo (a). São elas:

Tabela 1 – Aldeias com presença de indígena surdo(a)

	Aldeia	Etnia	Município/MT	Informações
1	Nova Munduruku	Povo Munduruku	Juara	Uma acadêmica informa que possui um tio surdo na família, portanto convive junto mas não há uso da língua de sinais fazendo então pouquíssimo uso de gestos.
2	Tatui	Povo Kaiabi/Kawaiwete	Juara	Uma acadêmica relata que o indígena é surdo e que não se comunica através da língua de sinais, mas participa das tradições do seu povo dentro da sua aldeia.
3	Etenhiritipá	Povo Xavante	Canarana	Um acadêmico informa que a etnia possui um indígena surdo que é seu primo e como são parentes eles se comunicam através de gestos e assim o indígena participa de todas as tradições e costumes que a sua aldeia oferece/envolve não sendo excluído porque ele observa e imita os outros indígenas.
4	Alta Glória		São Félix do Araguaia	Um acadêmico é professor indígena e informa que há um aluno indígena surdo e que esse não possui uma relação com a língua de sinais, apenas o uso do alfabeto manual e também há mais uso de gestos. O professor relata que tem buscado informações e está aprendendo e que realmente gostaria de ter a experiência para tentar se relacionar com o indígena surdo na aldeia em língua de sinais.
5	Kurisevo		Gaúcha do Norte	Uma acadêmica informa que tem um primo surdo, mas a relação com a língua de sinais não é muito complexa porque o indígena está mais acostumado com as caças que participa junto com o pai e há mais uso de gestos.

³ Aplicativo para dispositivos móveis (telefones celulares) usado para troca de mensagens.

6	Córrego Grande		Rondonópolis	Uma acadêmica informa que tem tios indígenas surdos na família e se comunicam muito pouco em língua de sinais e são participativos com seu povo, suas tradições e que na realidade dos tios diz que ainda está longe de ser tornarem fluentes na Libras assim como ela mesma informa que com a disciplina se esforçará cada vez mais para poder ensinar e se comunicar com os seus tios surdos.
---	----------------	--	--------------	---

Fonte: A autora

Como vimos com estas anotações, percebemos que cada acadêmico demonstrou muita vontade em aprender e reaprender para poder levar o seu conhecimento sobre a Libras e assim reaprender a comunicar e tentar se comunicar com o sujeito surdo das suas respectivas aldeias.

Com o tempo passando e a pandemia nos isolando e aumentando cada vez mais, a minha pesquisa ficou um tanto complicada, fui recorrendo então a todos os tipos de meios em tentar dar início, mas foi em vão, inclusive a minha presença nas aldeias. E com o auxílio da intérprete que me acompanha desde as aulas no Mestrado tentamos várias vezes fazer chamadas, envio de mensagens pelo WhatsApp, sem nenhum retorno. Mesmo assim fomos buscando um meio fácil de verificar a possibilidade de apenas em uma das aldeias a minha presença para iniciar a pesquisa. Em função da pandemia, a FUNAI proibiu a presença de qualquer pessoa dentro de qualquer aldeia porque a pandemia já havia chegado e se espalhado para diversas aldeias do nosso estado, o que impossibilitou a minha visita as aldeias.

Em meio a essa pandemia a rotina mudou muito, só precisávamos nos movimentar, encontrar uma solução para dar início à pesquisa e não havia então em nenhum momento uma informação concreta, por enquanto tudo estava proibido.

E mais uma vez tentando pegar aquelas informações dos acadêmicos indígenas e nenhuma solução ainda, a tentativa e a esperança de entrar em contato com eles através do Facebook e via Messenger também foi em vão. O desespero então tomou conta e a pandemia cada vez mais aumentando as mortes pela COVID-19, no nosso estado. Não desistimos, mas o tempo já estava passando. Foi então que a intérprete se lembrou de uma missionária que viajava para a cidade de Campinópolis, para uma aldeia da etnia Xavante, e que talvez pudesse ter contato com algum indígena surdo.

Através do contato com a missionária, obtivemos também o contato do indígena chamado Agrimar Wamaté, que morava em uma das aldeias perto de Campinópolis.

Agrimar é da aldeia Campos Belo, e seu pai, o senhor Ademir é o Cacique da aldeia. Agrimar enviou-me um áudio e juntamente com o auxílio da intérprete Janaína fiquei ciente que ele conhecia dois surdos. Um na aldeia Campina e outro na aldeia Paranatinga, e que pelo que ele havia treinado em Libras, pôde perceber que os indígenas surdos que conhecia somente faziam sinais próprios, para comunicação com familiares e amigos e que nada sabiam da Libras. E que para termos contato com estes indígenas surdos precisávamos conversar com o Cacique e explicar todo o trabalho da pesquisa e, se ele entendesse, poderíamos conseguir o contato de alguém que tinha celular dentro da aldeia para levar até o indígena surdo para fazermos um vídeo chamada. Mas, segundo Agrimar, por causa da pandemia, estava sendo impossível a tal comunicação.

Mesmo com esta tentativa e com estas informações, não conseguimos mais contato com o indígena e então a nossa esperança foi mesmo mudar o rumo da pesquisa, mas eu não desisti porque isso para mim foi um desafio tentar enfrentar até mesmo a pandemia. Continuamos então em busca de outros indígenas e lembramos-nos do indígena surdo Antônio Paulo, da etnia Cinta larga conforme toda a história sobre El que já conhecemos até aqui e que foi a partir dele que se deu o início a essa pesquisa e ao tão destinado tema “Como estrela do céu”.

Diante destas exposições, mudamos o rumo da pesquisa focando na referência bibliográfica da dissertação da professora surda Shirley Vilhalva e nos dados de entrevista referente à criação e função da FAINDI e de dados da entrevista relacionada ao surdo Antônio Paulo, da etnia Cinta Larga.

CAPÍTULO III

A EXPERIÊNCIA COM A FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS E A RETOMADA SOBRE A VIVÊNCIA COM ALUNO SURDO INDÍGENA

3.1 A experiência com a formação de professores indígenas na FAINDI

De 2008 a 2013, eu buscava ler artigos, pesquisar mais sobre essa autora surda, Vilhalva, junto com os meus colegas surdos do CAS. E quatro (04) anos depois fui aprovada no concurso da UNEMAT em 2013 para a disciplina de Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS em Cáceres/MT. Em 2014 foi minha posse e minha mudança para Cáceres, e durante as aulas já encontrava alguns acadêmicos indígenas nos arredores da universidade, mas não tinha a coragem de me aproximar por medo de não conhecer sua Etnia ou o seu povo ancestral também naquele tempo eu estava sem um profissional intérprete dentro da universidade.

Um dia perguntei ao meu amigo e professor surdo que trabalhava junto, o Benício Bruno, se na cidade há indígenas e também na universidade. Ele me respondeu que raramente, entretanto pode sim se encontrar os povos indígenas em Cáceres e também em Porto Espiridião e o que mais se vê ou quase são vistos na cidade são a Etnia Chiquitanos. Eles são mais localizados na Bolívia que fica aproximadamente 544 quilômetros da cidade de Cáceres em Mato Grosso e que faz a fronteira com o Brasil, mas que as línguas são diferentes do nosso povo ancestral e normalmente falam também o português brasileiro. Fiquei curiosa, mas o professor Benício Bruno sabia muito pouco sobre os Chiquitanos.

E um dia o professor surdo Benício Bruno me disse que no próximo ano eu seria convidada a ir para UNEMAT de Barra do Bugres/MT que fica a 153 quilômetros de Cáceres e que o campus só estava aguardando a liberação de verbas para as diárias dos professores convidados e outros gastos com a UNEMAT. Realmente eu não entendia, pensei que o meu trabalho seria igual ao CAS onde eu me deslocaria para as escolas dar apoio a Sala de Recursos. O professor surdo Benício Bruno dizia que não! Que em Barra do Bugres há uma faculdade para os indígenas e que lá eu poderia conhecer outras/várias Etnias. Indígenas? Faculdade? Novamente me congelei! Estava boba! E ele não entendia o porquê da minha surpresa! Foi então que contei a minha história sobre a estrela que caiu do céu (Antônio), e em meu pensamento tinha esperança de reencontrá-lo, de conhecê-lo mais, de querer ver suas

histórias. Mas ele sumiu, eu me mudei de cidade e alguns dos meus amigos que do outro lado deixei ainda não sabiam nada sobre ele!

Vocês devem estar me perguntando: _Andréa que faculdade é aquela/essa? _Por que indígenas? _Será que há algum indígena surdo para eles terem essa disciplina no currículo? _Como surgiu essa faculdade? _Qual foi a sua reação ao ver que ali há várias etnias, povos diferentes, culturas, etc. e aí novamente os porquês tomam conta! Vou contar como é como foi, como aprendi e como evolui com essa experiência.

Eu sei muito pouco sobre a Faculdade Indígena Intercultural – FAINDI Campus Barra do Bugres/MT, mas vou realizar um breve relato sobre ela: é uma faculdade voltada à formação acadêmica dos indígenas de qualquer etnia, aldeia e povo.

É uma faculdade acessível e inclusiva, que tem a preocupação principalmente com a formação e qualificação dos professores indígenas que atuam nas aldeias, buscando a valorização da cultura, das tradições e da diversidade brasileira. Nela são ofertados cursos de graduação específicos, licenciaturas com habilitação em Línguas, Artes e Literatura, Ciências Sociais, Ciências Exatas e da Natureza, pós-graduação em Ensino Intercultural realizada em programas de mestrado.

Desta forma, conseguimos evidenciar que a FAINDI é uma faculdade que tem uma importância muito grande, quando se trata da inserção e valorização dos povos indígenas e, que sua trajetória é muito longa, como podemos ver abaixo as informações de seu histórico de acordo com o (PORTAL UNEMAT, 2021):

A FAINDI foi fundada no ano 2001 tendo diretores sendo indicados apenas pela reitoria da Unemat, sem votação e isso durava a cada dois (02) anos. A faculdade recebe de braços abertos vinte e três (23) etnias de diversas aldeias e municípios de Mato Grosso.

A faculdade durante o ano 2001 até 2006 formou sua primeira turma no total de cento e oitenta (180) vagas para o nosso estado e vinte (20) vagas para os estados vizinhos: BA, AC, AL, ES, AM, CE, PB, RS, SC e TO.

Em 2005 até 2009 iniciou-se a segunda turma oferecendo cem (100) vagas apenas para o nosso estado de Mato Grosso e graduaram noventa (90) indígenas.

Em 2008 até 2012 a faculdade ofertou cinquenta (50) vagas para a terceira turma e 2012 até 2015 mais cinquenta (50) vagas para a quarta turma.

Em 2012 até 2016 a Unemat ofertou uma nova Licenciatura em Pedagogia Intercultural abrindo cinquenta (50) vagas para então os professores indígenas e trinta e dois (32) para os povos do nosso Estado.

Em 2015 no segundo semestre a faculdade passou a receber/atender cento e vinte (120) acadêmicos, sendo sessenta (60) para Licenciatura Pedagogia e sessenta (60) para outras etnias. Além das graduações de 2001 até 2015 a faculdade ofertou três (03) especializações Lato Sensu em Educação Escola

Indígenas. Publicações de acervos com mais de três mil e setecentos (3.700) publicações, todas disponíveis na biblioteca institucional.

Há mais de cinco (5) mil fotos registradas e cinquenta e sete (57) documentos catalogados. Há projetos já desenvolvidos durante essa trajetória como projetos de pesquisas, publicação de setenta (70) livros de apoio didáticos nas escolas indígenas e todos apoiados pela FAPEMAT, CAPES, PIBID E CNPQ.

Houve também uma demanda de cem (100) bolsistas que resultou na produção de noventa e seis (96) livros didáticos para as escolas indígenas. Em 2017 a faculdade sediou o Iº Congresso de Línguas Indígenas de Mato Grosso e a IIª Jornada dos Povos do Brasil: Educação, Territórios e Identidades.

Em 2018 realizou o II Congresso de Línguas Indígenas de Mato Grosso com apoio do projeto de extensão e CNPQ. E durante esses dezesseis (16) anos de existência da FAINDI graduou mais de quatrocentas e cinquenta (450) professores indígenas e especializou cento e quarenta (140) professores graduados. Em 2019 foi publicada a aprovação do Mestrado em Ensino em Contexto Indígena no dia primeiro (1º) de março.

Assim sendo, conseguimos enxergar a trajetória da FAINDI e compreender que ela sempre busca aprimorar os desafios, ofertar cada vez mais diferentes cursos para as etnias indígenas, não só do estado de Mato Grosso, mas também de outros diversos estados brasileiros, estando acessível a todos e procurando ampliar o acesso a uma educação de qualidade no ensino superior dos povos indígenas.

Neste caso, vamos conhecer/compreender melhor como foi o início da FAINDI conforme solicitamos gravação de áudio e vídeo concedida no dia vinte e três (23) de agosto às 14h30min do horário do estado de Mato Grosso com o professor doutor Wellington Quintino Pedrosa. O professor possui Graduação em Letras – Português / Inglês pela Universidade Estadual do Ceará – UECE (1992), Mestrado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (2000), e Doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (2012). Atualmente, é professor adjunto do Curso de Letras e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Linguística–PPGL da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, o pioneiro dos projetos desenvolvidos na educação dos indígenas na década de 90.

Professor doutor Wellington Quintino Pedrosa aceitou nos conceder uma entrevista para que possamos compreender como foi o início da FAINDI dentro da UNEMAT:

A: Professor Wellington, gostaria de nos relatar como foi o início para a criação de projetos para a FAINDI?

B: No começo da década de 90 os projetos importantes apareceram para a UNEMAT. Estes são: Projeto INAJÁ, Projeto RAIÔ e Projeto TUCUM. Projetos

estes que habilitavam e formavam os indígenas ao 2º grau do ensino médio. E no ano de 1997 houve a formatura da 1ª turma destes indígenas se formando no Brasil. Esta turma possuía quatrocentos (400) alunos indígenas concluindo seu 2º grau no ensino médio.

A: Professor Wellington Quintino, daqui para frente o que aconteceu? Poderia nos explicar?

B: Até aí já havia sido uma vitória, e o governador que nos recepcionou em Cuiabá no Hotel Fazenda Mato Grosso, onde ocorreu a formatura foi Dante Martins de Oliveira. E eu me encontrava neste evento como representante da UNEMAT e havia alguns professores que participaram do projeto junto comigo, porque o projeto tinha a Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT como parceira.

E em um determinado momento da formatura um dos alunos indígenas, levantou a mão e pediu ao governador Dante Martins de Oliveira que ele permitisse que ocorresse para aqueles mesmos alunos a conclusão do 3º ano do ensino médio, pois assim finalizaram os estudos.

O governador Dante perguntou então aos professores tanto da UFMT, quanto a mim sendo o professor da UNEMAT qual das duas Universidades poderia oferecer o 3º grau aos indígenas? Os professores da UFMT disseram que precisavam de uns dias para conversar com o reitor da UFMT e depois dariam uma resposta. Mas quando o governador perguntou a mim de imediato respondi que a UNEMAT aceitava sim dar continuidade ao/no projeto. É importante lembrar que o governador Dante Martins de Oliveira foi importante para o apoio de tais projetos. O governador foi quem conseguiu parcerias como a SEDUC e a Secretaria de Ciências, Tecnologia e Inovação – SECITEC. E até hoje são essas duas secretarias que ajudam com os recursos financeiros para os cursos em Barra do Bugres.

Logo após a formatura em Cuiabá, retornei para casa e comecei a escrever o curso. Todos os outros cursos anteriores, Tucum, Inajá e Raiô, funcionavam dentro do programa que a UNEMAT tinha e se chamava Licenciatura plena parceladas. Funcionava nos meses de janeiro, fevereiro e julho, que era quando os professores dos projetos tinham folgas das disciplinas. E procuraram então trabalhar da mesma forma no curso que se iniciaria e este atenderia professores indígenas e não qualquer indígena. E então foi enviada a proposta do curso: Licenciatura Interculturais

Indígenas, para a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e foi aprovado pelo Ministério da Educação – MEC.

A: O senhor Wellington Quintino relatou ainda que o projeto se replicou em outros estados com a mesma estrutura e metodologia, mudando somente a Língua de cada povo indígena, mas como foi?

B: Naquele ano ainda, aqui na cidade poucos professores possuíam qualificação de mestrado e doutorado. Pois precisei me afastar do projeto do 3º grau indígena. E naquele mesmo ano a UNEMAT abriu um concurso público e então havia entrado o professor Elias, um professor de Antropologia, a quem foi passado todos os cuidados do projeto. E este professor Elias cuidou de todas as assinaturas necessárias até o ano de 2000, quando começou a primeira turma com cem (100) alunos indígenas. E a primeira turma foi aberta ao Brasil inteiro, mas entraram alunos indígenas de muito longe, e o programa não tinha recursos para visitar aldeias tão longe. Também unir todos esses indígenas com culturas tão diferentes e assim não saíram como o esperado. Por isso as outras turmas foram abertas somente para o estado do Mato Grosso.

A: Então no ano de 2000 o seu Mestrado finalizou o senhor Wellington Quintino voltou para a FAINDI e também para o seu projeto, o senhor se deparou com o que?

B: Quando eu concluí o mestrado, que foi na UNICAMP, eu voltei com muita vontade de rever os indígenas e o meu projeto. Porém, por causa de políticas públicas eu não consegui retornar mais à diretoria do projeto. E fiquei muito bravo com tal situação e então me afastei do projeto com as aldeias. E até aí resolvi me envolver com o doutorado e o finalizei. Depois de dez (10) anos passados, mudou a reitoria da UNEMAT e me chamaram para ser novamente diretor do meu próprio projeto, e vi essa oportunidade de estar novamente entre os tão queridos indígenas, com o qual eu havia iniciado os projetos anteriores e acompanhado a caminhada deles.

Junto comigo vieram o professor doutor Adailton Alves da Silva com graduação em Licenciatura em Matemática pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, mestrado e doutorado em Educação Matemática pela

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, professor efetivo e lotado na Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológica da UNEMAT – Campus de Barra do Bugres–MT. Atualmente é professor do Curso de Matemática do Mestrado Acadêmico em Ensino de Ciências e Matemática, do Mestrado Profissional ProfMat todos inclusos na UNEMAT e professor e Coordenador do Programa de Pós-graduação de Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGEICII/UNEMAT e também a professora doutora Mônica, formando assim uma equipe onde a cada época um é o diretor da FAINDI e os outros apoiadores. Fazendo esse ciclo ser uma certeza de que ali tem pessoas que se esforçam muito em prol de um objetivo em comum que é a educação para os indígenas.

Nesta entrevista com o professor doutor Wellington Quintino, podemos perceber a importância dessas nossas insistências para finalizarmos e instituímos projetos de tamanha relevância e socialmente importantes, que assim como ele, possamos continuar e nunca desistir dos nossos projetos e sonhos.

Agora vem outro pensamento: Por que a Libras está incluída no currículo da FAINDI? A Libras é uma língua natural do surdo e que de acordo com a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 e o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 a Libras constitui um nível linguístico na qual há uma forma de comunicação e de natureza visual-espacial e ou visual-gestual com sua própria estrutura gramatical, como podemos ver no texto do decreto:

CAPÍTULO II

DA INCLUSÃO DA LIBRAS COMO DISCIPLINA CURRICULAR

[...]Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto (BRASIL, 2005).

E por este motivo a FAINDI adotou em sua grade curricular a Libras como disciplina para dar aperfeiçoamento e uma formação aos professores indígenas e que pela Lei todos os

cursos de Licenciatura são obrigatórios ter a disciplina incluída no Projeto Pedagógico de Curso.

3.2 Dos saberes compartilhados com alunos indígenas ouvintes da FAINDI

A primeira vez que entrei em uma sala havia aproximadamente sessenta (60) acadêmicos indígenas e no meio deles cada Etnia tinha seus Caciques, Pajés e ou Chefe que liderava seus grupos, crianças também estavam ali acompanhados de seus pais, às vezes vinham para a faculdade quase uma família toda, e como aquela turma era muito maior do que eu imaginava talvez eu não conseguisse dar conta de olhar, avaliar, conversar e orientar cada aluno e como éramos três (03) professores: Eu (Professora surda Andréa), Professor surdo Benicio Bruno e a Professora doutora Nilce Maria tivemos a ideia de dividir a turma igualmente para cada professor. A nossa dinâmica metodológica foi feita da forma mais didática para que todos pudessem participar, compartilhar e aprender igualmente sem perder um conteúdo algum da disciplina. E assim que os grupos foram divididos trabalhamos o Alfabeto Manual e Números em Libras. Enquanto ensinava esse conteúdo aos alunos eu fixava o olhar em cada um deles e os acompanhava na sua coordenação motora para formar cada letra do alfabeto, me aproximava de alguns quando tinham mais dificuldades em suas mãos e os ajudava naquela formação de uma simples letra e o aluno sentia-se feliz de ter conseguido formar as letras do seu nome indígena.

Dividimos então vinte (20) acadêmicos indígenas na mesma sala. Os conteúdos a serem ministrados juntos com os horários também eram divididos entre os professores: Os conteúdos, as metodologias trabalhadas e a forma de execução da avaliação da disciplina de Libras. Tínhamos a certeza que durante as aulas⁴ também aprenderíamos com cada um e que levariam o nosso aprendizado e conhecimentos para todas as Etnias.

E como era a rotina no período noturno? Vocês devem estar pensando/achando se no período noturno havia aulas para as turmas. Bom, nesse caso dependia das turmas, dos professores e/ou também da direção da faculdade, mas no momento em que ministramos a

⁴ Os materiais utilizados durante as aulas eram: notebook cada professor levava os seus notebooks com seus respectivos cabos de entrada USB, carregadores e extensão, projetor que era disponibilizado pela faculdade, quadro com giz pois a sala não possui ainda quadro branco e com o uso de pincel, resma de papel A4, EVA, colas, tesouras, cartolinas, papel cartão, pistolas de cola quente com bastão, estiletos(esses materiais eram usados para a produção de materiais em Libras), apostilas da disciplina com atividades: textos, frases, diálogos e diversas imagens com foco indígenas xerocados pela faculdade, lista de presença de cada dia da semana e durante os períodos e lista de avaliação dos acadêmicos indígenas.

disciplina não havia presenças das turmas assistindo aulas de outros professores convocados nesse período. No período noturno o tempo era destinado ao lazer porque sabíamos que para o nosso cérebro seria muita informação para captar os aprendizados executados durante os períodos matutino e vespertino, então era um momento de descanso para os professores e momentos de lazer e diversão para os indígenas. E também raramente aconteciam no Auditório “Professor Júlio César Geraldo” do campus, palestras, seminários, congressos e conferências voltados para os povos indígenas. Para ficar bem claro, resumo aqui a rotina na FAINDI.

Os acadêmicos indígenas, seus Chefes e famílias tinham como meio de locomoção de suas aldeias até a cidade de Barra do Bugres, os ônibus de viagem e os custos com as passagens partiam de diversas formas: seja pelas aldeias, pela UNEMAT ou até mesmo pela prefeitura e ou outros órgãos municipal e estadual. Em seguida, se adentravam pelos ônibus escolares que eram ofertados/disponibilizados pela prefeitura no máximo quatro (04) a cinco (05) ônibus e se alojavam em uma antiga escola que hoje é conhecida como Escola Agrícola Municipal de 1º Grau Deputado Sansão na Comunidade Quatro Marcos Rural localizada a seis (06) quilômetros do centro de Barra do Bugres. Durante a semana e períodos de aulas os ônibus permaneciam estacionados nos fundos da UNEMAT cumprindo os horários de saída e entrada dos acadêmicos indígenas e a maioria dos professores ministrantes também os acompanhavam nos ônibus para o almoço. Caso alguns acadêmicos indígenas ficassem para trás um (01) ônibus era obrigado a retornar e recolher os demais acadêmicos assim que deixassem os primeiros na Escola Municipal Agrícola. Veja abaixo a informação buscada através de uma fonte da Redação (24 HORAS NEWS):

Desde que iniciaram os estudos do 3º grau Indígena pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), no campus de Barra do Bugres, estudantes de mais de 30 etnias que ocupam terras indígenas de Mato Grosso ficam alojados no prédio do Colégio Agrícola do município, já desativado pela Prefeitura. Para dar uma solução ao imbróglio, que se arrasta há mais de 10 anos, representantes da Secretaria de Estado de Educação (Seduc), da Unemat, da Empresa de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer), da Organização dos Profissionais da Educação Escolar Indígena de Mato Grosso (Oprimt) e Conselho Estadual Indígena de Mato Grosso (CEI-MT), entre outros, se reuniram na tarde desta quarta-feira (10.02) com cerca de 120 estudantes indígenas, no próprio prédio que está servindo de alojamento. De acordo com as autoridades presentes, a área pertence à Empaer, que por sua vez cedeu para a prefeitura para a instalação da escola agrícola. Após a unidade escolar ser desativada, os prédios passaram a ser utilizados pela Unemat para hospedar os estudantes dos cursos de Pedagogia Intercultural e de Licenciaturas Interculturais Específicas em: Ciências Sociais; Ciências da Natureza e Matemática e Línguas, Artes e Literatura. Porém, para que a

instituição promova melhorias e reformas, em parceria com outros órgãos, é necessário que a questão da cedência seja resolvida.

O local abriga os indígenas duas vezes por ano, quando ocorrem as aulas, durante o período das férias dos acadêmicos da Unemat. Isso ocorre por falta de espaço físico na universidade que possa abrigar os cursos oferecidos para os seus acadêmicos regulares e os indígenas. A alimentação e a segurança também são fornecidas pela universidade.

Mas o que eles faziam/faziam na Escola Municipal Agrícola? Como mencionado acima, a Escola Municipal Agrícola serve como alojamento e de local para alimentação aos acadêmicos indígenas, também era um local de descontração, digo no meu entender um local onde todas as Etnias se misturavam e mantinham uma relação amigável sem nenhum tipo de desavenças. A Escola Municipal Agrícola possui uma área de vinte e dois (22) alqueires e com ampla estrutura com quatro (04) banheiros sendo dois (02) masculinos e dois (02) femininos com chuveiros, lavabos e vasos sanitários, copa com no máximo oito (08) mesas com possibilidade de acomodar seis (06) pessoas em cada e ainda havia mesas maiores com a possibilidade de acomodar catorze (14) pessoas. Bebedouros com água gelada, ao lado uma cozinha com três (03) fogões possuindo bocas grandes e interligadas a um gás que é instalado na parte de fora da cozinha, possuía também um (01) fogão de quatro bocas, uma (01) geladeira normal e dois (02) *freezers* grandes.

E é nesse espaço que eram feitos os almoços, lanches e jantares que seriam servidos por filas. Depois os pratos, copos e talheres usados eram colocados no outro lado da copa da cozinha para serem lavados e ainda servir àqueles que estavam aguardando sua vez no almoço. O almoço e jantar seguia uma gastronomia normal. Os cardápios eram o que todos nós somos acostumados a nos alimentar: arroz, feijão, farofa de banana, milho, polenta, costela, vaca atolada, frango assado ou frito, arroz com costelinha de porco, galinhada, peixes assados, fritos e até mesmo ensopados, havia também diversos tipos de saladas, sucos ou refrigerantes, sobremesas como gelatinas, saladas de frutas e vários tipos doces em pedaços.

No intervalo dos lanches eram servidas mais frutas como a banana, melancia, maçã e laranja. Também entravam no cardápio água, cafés, chás, sucos, biscoitos, bolos de milho, salgados, pães e saladas de frutas. Percebia-se que nos intervalos a alimentação era leve com mais entrada de frutas, talvez para que os acadêmicos pudessem estar bem hidratados e que não os deixassem muito cansados durante a execução da disciplina. A Escola Municipal Agrícola possui salas com ventiladores, algumas com ar, outras nem ventilador e ar que tantas vezes passava calor, alguns dormiam para fora, em redes debaixo das árvores, mas como eram indígenas talvez eles estejam/estariam se acostumados com essa rotina fora das suas aldeias.

A escola não possui quadra de esporte e sim um amplo campo de terra com árvores de eucaliptos, coqueiros, Ipês, tamarindeiros, jaqueiras, mangueiras, cajueiro, pata de boi e outros tipos de árvores espalhadas ao redor da área, dando assim uma refrescante sombra aos pequenos bancos cimentados, onde quem ali praticava algum tipo de esportes permaneciam sentados assistindo os colegas, sejam eles adultos jovens ou crianças correrem atrás de uma bola que rolava sobre uma areia branca do campo. Há também bibliotecas e sala de informática, que, obviamente permanecem/permaneciam fechadas por falta de materiais. Há também salas de reuniões e sala de fábrica de ração.

A escola não é acessível para portadores de deficiências – PCD. E então durante a minha estadia na faculdade para o início da disciplina com as turmas fui conhecendo cada povo e suas etnias. Nos espaços da faculdade estavam espalhados rostos diferentes: jovens, crianças acompanhadas de seus pais que eram os alunos indígenas, bebês indígenas enrolados em um pano que ficava envolto às costas de suas mães ou irmãs mais velhas, pequenos meninos índios sentados e outros correndo entre as árvores que davam sombras aos bancos ali instalados no pátio. Percebia-se também que cada Etnia se relacionava normalmente com outras, pois eu via em cada traço os sorrisos, olhares e conversas distintas sem preocupações que pudessem levar desavenças entre os povos. E, como ali é uma faculdade que, para mim, significava ser um espaço harmonioso onde todos indígenas dentro da sala compartilhavam suas experiências e aprendizagens.

Como já conhecemos um pouco do espaço da Escola Municipal Agrícola que aloja os acadêmicos indígenas, podemos perceber a realidade e os esforços que a UNEMAT, a FAINDI e também a EMPAER vêm juntas fazendo, com a finalidade de revigorar o espaço, tornando-a produtiva, transformando valores na educação de qualidade aos indígenas considerando assim, uma ampla melhoria, buscando parcerias reais e concretas do município de Barra do Bugres e do nosso estado de Mato Grosso.

Minha experiência com a FAINDI trouxe-nos novos conhecimentos, novas trajetórias complementares da realização dos desafios, pois podíamos levar e fazer diferença na vida de outras pessoas e dar sentido à vida e à conquista de fazer outros compreenderem o mundo.

A FAINDI foi mais uma porta aberta para isso, ela é como uma lua que brilha guiando as suas estrelas, é também algo ou um mundo novo onde iremos encontrar vidas, histórias, culturas e diversidades diferentes. Confesso que trabalhar com os indígenas não foi

uma tarefa difícil, pois a FAINDI e a UNEMAT sempre levaram a sério a educação com qualidade, a cultura e as diversidades do nosso estado a todos os povos ancestrais.

Como professora, posso afirmar/refletir que a FAINDI tem um diferencial de formação que busca desenvolver e desempenhar as práticas e o seu papel na formação dos professores indígenas do nosso estado. A faculdade tem um papel fundamental teórico e sistematizado procurando mediar a sua relação entre os professores e seus acadêmicos indígenas e não indígenas tendo outro olhar, outro universo completamente diferente onde são produzidas aprendizagens significativas, onde um professor entrelaça olhares para uma/cada estrela no céu.

3.3 A retomada/reencontro com aluno surdo indígena

Realmente eu não parava. Já chegava em casa contando as histórias do dia a dia e uma vez minha tia Maria Creuza (*in memoriam*) me dizia: “Andréa minha filha/sobrinha se você tem esse sonho, não hesite, não pare no meio do caminho, siga-o, mas siga com a cabeça erguida e com a certeza de que é isso mesmo que você quer para que mais tarde você não possa se arrepender e, sua estrela não deixará de brilhar!” e minha outra Tia a Maria se assustou! Perguntou-me: “para onde você já quer ir, menina?!” Talvez titia não tenha entendido o rumo da nossa conversa, talvez ela tenha pensado que eu iria para aldeia ou iria lá viver no meio do mato ou então voltar para Campo Novo do Parecis! “Pelo amor de Deus Andréa tenha cuidado! Faça a coisa certa.” eu queria entender porque ela me disse isso: “Cuidado”! Tive que explicar novamente o meu sonho: conhecer índios surdos e sua língua. Mas para isso eu teria que focar na professora surda Shirley Vilhalva! E então a minha primeira estrela sumiu e nunca mais o vi. E mesmo assim não deixei de lado esse sonho! E a minha outra tia Neuza apenas me disse: “Que você mesma siga o seu coração e a direção das suas estrelas”. Confesso que esses conselhos foram uma motivação para o meu processo de crescimento tanto pessoal, quanto profissional.

Embora pareça simples a minha busca pelos aprenderes e conhecimentos sobre os índios surdos e sua língua, ainda permanecia intacta em minha mente o sonho de reencontrar aquele aluno surdo indígena do ano de 2007.

Em 2019, no final dos estudos teóricos sobre línguas, linguagem, linguística e culturas indígenas no Mestrado em Linguística, estava folheando um artigo sobre a cultura surda no Brasil e depois pesquisei na internet sobre um acervo/reportagem de que como é

analisada a educação indígena surda no Brasil e, de repente, me deparo com o tema “Professora adota indígena surdo-mudo e com Síndrome de Down”. Meus olhos focam apenas nesse título, e de repente me vem um flashback da estrela! Abro a reportagem e ali o vejo. O Antônio, a minha estrela. E eu queria novamente acreditar que essa estrela reapareceu, não só reapareceu como também ele cresceu, tornou-se um jovem forte, robusto e claro meio bravo e assim evoluiu o que antes eu via por trás daquele sorriso tímido e olhar cabisbaixo posso dizer que naquela reportagem eu o vejo como um ser iluminado, com uma fisionomia alegre demonstrando um sorriso aberto no rosto. Era contagiante ver aquela imagem na reportagem, uma expressão natural, sem medo e sem a vergonha de mostrar aquele sorriso. Ele era/é aquela mesma estrela que conheci há dez (10) anos atrás.

Agora nessa parte da minha escrita eu posso simplesmente apresentar a vocês quem é essa estrela: Seu nome é Antônio Paulo Kaban Cinta Larga Mello hoje com quinze (15) anos, nasceu em uma Comunidade da etnia Cinta Larga apresentando duas (02) deficiências que são a Surdez e a Síndrome de Down. Conheçam um pouco da Etnia Cinta Larga, retirado da tese de doutorado de (DAL Poz, João, UNICAMP; 2004)

Os **cintas-largas** são um povo indígena, assim chamado pelos primeiros invasores dos seus territórios, por ostentarem uma espécie de cinturão, feito de entrecasca de uma árvore - o tauari. Este nome foi posteriormente adotado pela Fundação Nacional do Índio. Em 2003, a população cinta-larga estimada era de 1 290 pessoas, segundo dados da Administração Regional da Fundação Nacional do Índio em Cacoal, em Rondônia. Em 2010, esse número teria passado para 1 567, segundo a Fundação Nacional de Saúde. A população distribui-se por, aproximadamente, 33 aldeamentos, a maioria deles localizados nas Terras Indígenas Serra Morena (quatro aldeias), Aripuanã (nove aldeias), Parque Aripuanã (sete aldeias) e Roosevelt (cinco aldeias). Essas terras, situadas no leste de Rondônia e no noroeste de Mato Grosso, constituem o Parque Indígena Aripuanã, cuja superfície total, demarcada de forma contínua, é de 2 732 567 hectares. Essas terras são tradicionalmente ocupadas pelos cinta-largas. O mito de criação cinta-larga conta como Gorá criou todos os seres das diferentes tribos. Os animais teriam sido criados a partir de seres humanos.

Observa-se que nos tempos difíceis, os Cinta- Larga sofriam com uma convivência de conflitos e hoje percebe-se que essa etnia está espalhada com/em outras aldeias por diversas partes dos estados de Mato Grosso e Rondônia, revelando em muitos aspectos da sociedade o equilíbrio do grupo em suas terras.

E, finalmente, vamos poder conhecer e relatar sobre o índio surdo Antônio Paulo, com quem tive o meu primeiro contato. Iremos conhecer um pouco da sua história e é a partir dele que nasceu um desejo enorme e uma curiosidade de entrar neste mundo indígena, pois eu

nunca havia pensado que existisse alguém que fosse surdo e precisasse da mesma atenção e acompanhamento com a Língua de Sinais e seu aprendizado, como eu também precisei.

Essa entrevista aconteceu através de um vídeo chamada devido à situação da pandemia COVID-19, de manter o distanciamento e o isolamento. Minha pesquisa de dados e informações foi com base na entrevista concedida pela mãe adotiva Beatriz de Mello no dia vinte e quatro (24) de agosto, às 13h30min no horário de estado de Mato Grosso.

Voltemos agora sobre Antônio Paulo. Sua mãe adotiva se chama Beatriz Mello, formada em Terapia Ocupacional e psicopedagoga, residentes na cidade de Cuiabá. Beatriz nos conta a história do seu filho adotivo indígena surdo e como foi que ela conseguiu a guarda do Antônio Paulo em 2006 quando ele ainda era bebê. Antônio Paulo é o décimo segundo (12º) filho indígena de um casal de índios que vivem na aldeia de Aripuanã da mesma Etnia Cinta Larga e com as deficiências apresentadas no seu nascimento, o casal então resolveu entregá-lo à Fundação Nacional do Índio - FUNAI para a adoção, pois caso contrário ele seria sacrificado devido a suas deficiências.

E foi a partir daí que Beatriz Mello travou duras batalhas para conseguir a adoção do Antônio Paulo. Foram quatro (04) anos recorrendo à Justiça para conseguir oficializar a adoção. Beatriz Mello ainda teve que encarar e lutar pela saúde do filho que apresentava dificuldades desde o seu nascimento. Ela relata que Antônio chegou à FUNAI já com vários problemas respiratórios, dificuldades no funcionamento do fígado e rins. E iniciei a entrevista com a senhora Beatriz de Mello:

A: Senhora Beatriz, quando conseguiu a adoção de Antônio, o que a senhora achou mais desafiador?

B: Foi uma luta, mas mesmo assim eu não desisti, eu ainda tenho mais três (03) filhos e uma (01) neta e todos eles se dão super bem e são carinhosos com todos. Tive que gastar todas minhas economias com advogados e “home care” que o Antônio precisava por causa dos seus problemas respiratórios. Eu aprendi muito com ele e hoje está muito bem, mas ainda requer cuidados. E Antônio é muito participativo, inteligente e sempre disposto a nos ajudar.

A: Como é a sua relação e comunicação com um filho adotivo sendo um indígena surdo e com Síndrome de Down?

B: Sou formada em Terapia Ocupacional. E o trabalho com o meu filho Antônio teve por base os gestos. Desde o início eu baixei um aplicativo em LIBRAS, mas eu só olhava algumas coisas de Libras, porém foquei em criar com ele alguns sinais ou gestos nossos mesmo. Mas depois da adolescência dele ficou mais difícil porque criar gestos para o que ele ou eu sentíamos era muito complicado. E aí fazer ele entender a Libras de alguns sentimentos foi impossível. Então a base do aprendizado dele sempre fui eu.

A: Senhora Beatriz Mello, o Antônio tem hoje em dia contato com algum surdo?

B: Não.

A: Eu gostaria de saber o que a senhora percebeu no aprendizado do Antônio quando ele frequentou a escola própria para alunos surdos, onde foi acompanhado por uma professora surda.

B: O Antônio frequentava o CAS uma vez por semana até duas horas, ou seja, era um tempo curto, mas aprendeu alguns sinais de Libras sim. Depois de alguns anos eu o transferi para o CEAADA em Cuiabá, e neste período que ele estudou lá eu percebi que não houve uma evolução no vocabulário muito grande não, lá ele conviveu com outros surdos e até aprendeu a falar palavrão em Libras (risos), mas dizer que teve uma grande evolução não teve, mas eu ao menos retornei meu curso de Libras, depois Antônio estudou em escola particular, e a partir dos sete (07) anos de idade eu o coloquei em uma escola estadual regular, onde tinha uma profissional intérprete que o acompanhava, mas ela fazia o papel dela que era interpretar, porém como ele tem também a Síndrome de Down, creio que outro acompanhamento também fosse/foi necessário para que ele pudesse aprender.

A: Senhora Beatriz Mello, poderia nos dizer se é possível nos explicar se percebia no adolescente Antônio Paulo alguma coisa relacionada à cultura indígena ou a maneira de agir como um indígena?

B: Sim. Muita coisa! Vejo nele uma força física além do normal, também nunca coloquei ele em nenhuma aula de natação, mas ele consegue ficar muito tempo sem respirar embaixo da água. Percebo também o quanto ele gosta de instrumentos

de percussão como tambor e bateria também por causa da vibração. Outra coisa importante é que eu conheci uma professora indígena que dá aula para crianças indígenas da mesma etnia dele e ela pôde me dizer que eles são muito nervosos, bravos. Eu também quero dizer que ele é um adolescente surdo que nós percebemos que ele percebia/sentia alguns barulhos de batida de porta quando chegávamos em casa. Foi quando nós como família optamos/decidimos que ele fizesse o Implante Coclear - IC, o que foi rejeitado pelo próprio Antônio e assim respeitamos muito a escolha dele. Por isso demorei para ir atrás de ensinar a ele a Libras, porque essa foi minha última opção. Antônio Paulo já fez o uso do aparelho auditivo e com isso também ele não se adaptou por causa dos barulhos ele ficava agitado e então retiramos o aparelho, ele tem uma leitura labial perfeita que foi adquirida durante o aprendizado da Libras.

E em conjunto com a Beatriz Mello procurei também entrevistar a professora surda que durante a minha saída do CAS foi quem me substituiu dando assim a continuidade dos meus antigos trabalhos no CAS. Ela se chama Osilene Moura Silva, professora surda graduada em Tecnologia de Design de Interiores pela Universidade de Cuiabá – UNIC, com segunda graduação em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Ciências Wenceslau Braz do estado de Paraná – FACIBRA, com pós-graduação Especialização em LIBRAS: Aquisição da LIBRAS pelo Aluno Surdo Autista pela Instituição de Ensino Superior Brasileira pelo estado do Rio Grande do Sul – UNINTESE e, atualmente, cursando uma terceira graduação Letras/Libras pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci do estado de Mato Grosso – UNIASSELVI. A professora surda Osilene de Moura acompanhou o processo de aprendizagem do Antônio durante os primeiros anos que ele permaneceu frequentando o CASIES, e as conversas vêm em língua de sinais. Observa-se que não são modificadas as respostas da professora surda respeitando assim a norma da escrita e mantendo-se fiel à escrita da professora surda:

A: Como foi seu primeiro contato com o indígena surdo Antônio?

B: Primeiro contato foi quando percebi que ele não sabia Libras, fiz gestos para ver que ele consegue entender.

A: Como a família descobriu que tinha um Centro de Apoio para as Pessoas com Deficiência?

B: A mãe dele ficou sabendo através de informação.

A: Como você se sentiu ao saber que ele é um índio surdo?

B: Fiquei sabendo antes, telefonaram para o CAS que tinha um surdo índio, agendamos o dia para a avaliação, no dia da avaliação conhecemos ele.

A: Você conheceu a cultura e as diferenças dele sendo um indígena?

B: Sim. Quando conheci, tem cultura diferença do jeito dele de indígena, muito legal ver a cultura.

A: O que o Antônio mais gosta de fazer durante a aprendizagem?

B: Ele gosta muito de inventar as coisas, gosta dos brinquedos de animais e principalmente avião.

A: O que você acha que ele já aprendeu ou já sabe na comunicação?

B: Ele ainda não sabia na comunicação, ele ver outras pessoas comunicação ele entende observa.

A: Qual foi o tipo de metodologia e o que fez você mudar para melhorar o ensino?

B: Quando ele chegou ao CASIES percebi que o Antônio não compreendia Libras, mas ele gostava muito de aprender coisas novas, então eu passei a preparar aulas diferentes para ele como desenhos, porém tive e procurei que primeiro teria que entender qual assunto ele mais gostava, percebi que era coisas relacionadas à fazenda, como boi, cavalo etc, e quando eu sinalizava Libras dessas coisas ele me copiava e conseguia fazer sozinho, esses sinais, depois. Também ele ao me olhar gostava de copiar os sinais que eu sinalizava, e ele me compreendia em tudo que eu falava para ele em Libras. Primeiro ele chegar na sala cumprimentar, conversar, depois mostrar imagem – sinal, contar uma história em Libras, antes de perceber o que ele gosta mais, escolher um animal que ele gosta mais é cavalo.

A: Como foi o contato com a família?

B: Conheci a mãe adotiva quando apareceu no CAS.

A: O que você gostaria de dizer sobre o seu aprendizado e conhecimentos sobre o Índio Surdo?

B: Eu aprendi muito com ele, primeiro contato com índio surdo, depois de muitos aprendizados, e muitos ensinamentos, percebi o que ele mais gosta de fazer, aprendi com ele, ele foi evoluindo aos poucos, por isso aproveitei ensinar o que ele mais gosta.

E após essa entrevista com a professora surda Osilene Moura eu lhe disse o quanto é interessante conhecer essa história do Antônio Paulo e perguntei a Beatriz Mello onde estaria a minha estrela e que eu realmente queria estar frente a frente com ele. Em função da pandemia ficou difícil por causa do distanciamento e ela me deu a oportunidade de estar com ele através do videochamada, mas disse-me que ele estava dormindo, e que mesmo assim ela o acordaria sem problema. E foi uma emoção eu rever aquela estrela! Ela nos mostrou através do vídeo como o acorda fazendo um gesto e tocando com carinho no rosto e costas e ele acordou já fazendo o sinal de "COMER" (com sorrisos), e então ele ficou ali ao lado dela, gritava muito para chamar a atenção da mãe e depois foi direto limpar o chão que para ele estava sujo. Ao ver a ex-professora surda Osilene Moura, ele a reconheceu e ficou olhando atento para a câmera. Naquele momento ele ficou ali apenas uns dez (10) minutos e voltou para a cama, ele mesmo colocou o celular onde pudesse nos ver e deitou novamente. Percebi então que Antônio Paulo é muito engraçado e inteligente. E aquela timidez de antes, já não existia mais nesse adolescente. Sinalizei o sinal "OI" para ver se ele poderia me retornar também e vimos que ele apenas ficou nos observando esse tempo todo. E, com um misto de sentimento de emoção e gratidão finalizei a entrevista com a professora surda agradecendo-a pelo apoio e colaboração na entrevista para implementar essa pesquisa de dissertação e que ela foi/é um importante papel de educadora na educação dos surdos. E me direcionei a Beatriz Mello agradecendo pelo enorme apoio, pelo seu tempo dedicado para me conceder essa entrevista e relatei que fiquei/ficamos muito feliz/felizes em rever a estrela que caiu do céu há muito tempo atrás e que hoje ele me deu uma luz, uma oportunidade de como iniciar essa pesquisa, essa história tão bonita e tão importante para mim e para todos nós. Disse também que gostaria muito de, em breve, assim que essa pandemia acabar que possamos nos

reencontrar para que todos nós possamos nos abraçar e retribuir aquele toque de mãos que senti há dez (10) anos atrás. Uma enorme gratidão em meu peito!

Observando de fato a entrevista da mãe adotiva Beatriz Mello e da professora surda podemos perceber como hoje a evolução na Libras do Antônio Paulo é uma prova que mesmo sendo um indígena surdo com outras deficiências não há barreiras que nos desestimulem e que nos impeçam de buscar evoluir e a não desistir de aprender e reaprender a sua língua seja ela qual for. É preciso muita garra para trabalhar com duas deficiências, como diz Beatriz Mello, e que é uma luta incansável na educação, mas nunca nos desaponta porque as deficiências nos fazem enxergar que além dela há sempre uma luz no fim do túnel. E elas mostram que Antônio Paulo é a prova disso e de todo esse processo de ensino aprendizagem na cultura e diversidade indígena.

Abordamos aqui, que na pesquisa há dois pontos que devemos entender: o processo de aprendizagem com o surdo e o indígena surdo onde há o uso da Libras e os gestos, logo devemos levar em consideração que o surdo não indígena traz consigo, outra trajetória, muitas vezes até mesmo de oportunidades, e, por ter o contato com a Libras o quanto antes, diferentemente do surdo indígena em que existe toda carga cultural e uma resistência no novo, entretanto devemos ter clareza que a Libras, apesar de ser considerada língua mãe dos surdos, existe também suas diferenças regionais, colocações e também expressões. Como já sabemos/aprendemos que a Libras é uma língua natural do surdo na comunicação entre surdo e ouvinte ou surdo entre surdo, percebemos também o uso dos gestos. O que são gestos? Sabemos que os gestos são a forma do ser humano se expressar através das mãos e do corpo. Os gestos não são língua de sinais. Com base na entrevista com a Beatriz Mello, posso dizer com propriedade que a minoria dos surdos o usam, apenas porque ainda não adquiriu a sua língua materna, ou seja, o uso do gesto só é essencial quando o sujeito surdo ainda não herdou a sua língua natural, devido ao fato de não ter se inserido à Comunidade Surda desde o seu nascimento.

Porém à medida que o tempo vai passando será possível que o sujeito surdo adquira a língua de Sinais e que ao crescer irá se deparar com outro sujeito surdo e normalmente irá se identificar com o seu “eu surdo” e com o “ele surdo”. Com o passar do tempo irá se autoconhecer e compreender que a língua de sinais é, e sempre será a sua língua materna e que por meio dessa língua irá se expressar, comunicar, brigar, compreender, agradecer, lutar e enfim adquiri-la no seu vocabulário do dia a dia. A partir do contato com outros sujeitos surdos, mesmo que de um modo tardio, sentirá que a convivência e a relação de diferenças

irão construir sua inserção no processo de aprendizagem, ou seja, compreender o seu novo “eu” e essa concepção acontecerá bem devagar e naturalmente, proporcionando assim uma aquisição da sua língua de forma eficiente e, além disso, ter um momento expressivo na sua vida de sujeito surdo. A partir dessa concepção, o sujeito surdo não estará apenas adquirindo a sua verdadeira língua, mas sim o seu autoconhecimento, sua cultura, sua identidade surda e, enfim, as suas diversidades no mundo que os cerca.

Escrever e ou relatar sobre essa experiência, confesso que não foi fácil e chegar até aqui foi uma tarefa difícil que exigiu muita paciência, dedicação e muito foco, inclusive nas leituras e pesquisas. Apesar de todos os esforços, há uma capacidade enorme de mostrar ao mundo que qualquer sujeito, independentemente de suas deficiências, é capaz de enfrentar qualquer barreira que o cerque.

A conclusão da pesquisa é o resultado de um sonho e que apesar das dificuldades enfrentadas nunca deixei de lutar por uma sociedade com educação formadora dentro das universidades, das escolas, sendo mais digna e de qualidade inclusiva aos surdos, aos não surdos e aos povos ancestrais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das experiências vividas, podemos tirar algumas conclusões: a primeira é que ainda há muito para se pesquisar e mostrar as línguas de sinais indígenas (emergentes). Conforme visto no capítulo I, minha experiência mostrou que ainda falta suporte para este assunto e estudos mais aprofundados, os quais deixo em aberto para novas pesquisas.

Conforme o capítulo II, dentro da metodologia, podemos concluir que os alunos indígenas ouvintes na FAINDI tiveram uma desenvoltura interessante e participativa, pois a metodologia aplicada de modo “palestra” lhes chamou a atenção sem a pressão da escola tradicional. Foram avaliados alguns com dificuldades e outros com sede de conhecimento para aprender o que foi aplicado.

O capítulo III mostra minha alegria em poder rever e tentar conversar com um indígena surdo e sua mãe. E também a alegria em ressaltar o trabalho de Shirley Vilhalva, que mostra que há muito tempo já existia índios surdos, e que a pauta da sua pesquisa se volta para isso. Neste trabalho podemos ressaltar que ainda falta muita metodologia a ser explorada para expandir o ensino e o encaixe desses alunos nas escolas. Por fim, consegui mostrar os desafios existentes na minha pesquisa e o desafio que quase me fez desistir desse lindo e tão sonhado trabalho, que foi a Pandemia da COVID-19. Esta tem que ficar registrada para que possamos lembrar que desafios e dificuldades vão sempre aparecer, não importa a época em que vivemos, porém somos capazes de ir mais longe do que podemos imaginar.

Porém, serviu-me de lição e aprendizado para mostrar que jamais devo desistir e que pesquisas e escritas sempre vão ser de ajuda para nós e para os leitores que, em algum momento, podem passar pela mesma situação que nós já passamos. Afinal, nunca sabemos o que nos reserva os dias à frente.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, R. R. *et al.* **Dermatoses entre os Xavante da Área Indígena Pimentel Barbosa**, Mato Grosso (Brasil). *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro: Fiocruz, v. 7, n. 4, p. 581-4, out./dez. 1991.

BRASIL. **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 17 set 2014.

BRASIL. **Decreto nº 5.626 de 24 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 17 set 2014.

CÂMARA JR., J. M. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. 3 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

DOMINIQUE, Lecourt. **A filosofia das ciências**, São Paulo – editora: Ideias e Letras, 2018.

EQUIPE de edição da Enciclopédia Povos Indígenas no Brasil. Povo: Paresí. **Povos indígenas no Brasil**. Instituto SocioAmbiental – ISA. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Paresí>>. Acesso em: 22 ago 2021.

EQUIPE de edição da Enciclopédia Povos Indígenas no Brasil. Povo: Cinta Larga. **Povos indígenas no Brasil**. Instituto SocioAmbiental – ISA. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Cinta_larga>. Acesso em: 22 ago 2021.

FUNAI. **Na prevenção ao coronavírus, Funai suspende autorizações de entrada em terras indígenas**. Disponível em: <<https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2020/na-prevencao-ao-coronavirus-funai-suspende-autorizacoes-de-entrada-em-terras-indigenas>> Acesso em: 22 ago 2021.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

KAKAMASU, J. 1986. **Urubu-Kaapor**. *In*: Handbook of Amazonian Languages vol 1., Desmond Derbyshire and Geoffrey Pullum (eds.), 326-403. Berlin: Mouton de Gruyter.

LABOV, W. (1972). **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008.

MATO GROSSO. **Lei nº 8.670 de 02 de julho de 2007**. Dispõe sobre a criação do Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/ Superdotados - NAAH/S de Mato Grosso. Disponível em: <<https://leisestaduais.com.br/mt/lei-ordinaria-n-8670-2007-mato-grosso-dispoe-sobre-a>>

criacao-do-nucleo-de-atividades-de-altas-habilidades-superdotados-naah-s-de-mato-grosso?q=8670>. Acesso em: 17 set 2014.

MATO GROSSO. **Lei nº 8.962 de 27 de agosto de 2008**. Dispõe sobre a criação do Centro de Formação dos Profissionais da Educação e Atendimento à Pessoa Surda de Mato Grosso - CAS/MT. Disponível em: <<https://leisestaduais.com.br/mt/lei-ordinaria-n-8962-2008-mato-grosso-dispoe-sobre-a-criacao-do-centro-de-formacao-dos-profissionais-da-educacao-e-atendimento-a-pessoa-surda-de-mato-grosso-cas-mt>>. Acesso em: 17 set 2014.

MISTIERI, F. R. **Acento em língua Tupi-guarani: uma análise comparada**. 2013. 123 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual Paulista - UNESP, Araraquara-SP, 2013.

MORI, A. C. **Fonologia**. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. vls. 1 e 2. São Paulo: Cortez Editora, 2001, p. 147-179.

MOURA, M. C. de. **O surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

QUADROS, R. M.; CRUZ, C. R. **Língua de sinais brasileira: Instrumentos de avaliação**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2011.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.

ROBERTO, T. M. G. **Fonologia, Fonética e ensino: guia introdutório**. 1. ed. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2016.

ROCHA, S. **O INES e a educação de surdos no Brasil: Aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Governo Federal, 2008. 1 v.

SACKS, O. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010.

SILVA, J. A. F.; COSTA, E. M. C. Povo: Chiquitano. **Povos indígenas no Brasil**. Instituto SocioAmbiental – ISA. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/Povo:chiquitano>>. Acesso em: 22 ago 2021.

SILVA, N. M. **Instrumentos linguísticos de Língua Brasileira de Sinais: constituição e formulação**. 2012, 272 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos de Linguagem - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

VILHALVA, S. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul**. Florianópolis – SC: 2009.